

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

LUIZ CLAUDIO ESPÍRITO SANTO DE OLIVEIRA

SALTANDO NA ZL DA ETERNIDADE

O BOSQUE DOS CAMPEÕES E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA TROPA PARAQUEDISTA



Rio de Janeiro, 2017

LUIZ CLAUDIO ESPÍRITO SANTO DE OLIVEIRA

SALTANDO NA ZL DA ETERNIDADE

O BOSQUE DOS CAMPEÕES E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA TROPA PARAQUEDISTA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em História Militar Brasileira.

Orientadores: Prof. Dr. Paulo André Leira Parente

Ms. Fernando Vellozo Gomes Pedrosa

Rio de Janeiro, 2017

Agradeço em primeiro lugar aos meus orientadores Prof. Dr. Paulo André Leira Parente e ao Mestre Fernando Vellozo Gomes Pedrosa pela confiança, apoio e incentivo nesta trajetória. Agradeço imensamente ao Sr. Coronel Cláudio Tavares Casali, Comandante do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil – Escola de Paraquedistas 1945 e ex-Comandante do 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista, pelo acolhimento, gentileza e colaboração com que me recebeu no “Ninho das Águias”, pelas inestimáveis informações que me forneceu e pelas portas que me abriu com vistas a me ajudar a desenvolver este trabalho. Meus agradecimentos à Seção de Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista, especialmente ao seu Chefe, o Sr. Capitão D. F. Gonçalves, que me permitiu acessar a fontes absolutamente imprescindíveis para que eu conseguisse concluir essa missão com êxito. Agradeço ao meu amigo Historiador e Especialista em História Militar Brasileira, Renato Restier, por ter me ajudado com bibliografia, orientações e sendo sempre solícito quando precisei de ajuda. Meu agradecimento especial a todos os paraquedistas militares que contribuíram com a pesquisa, oferecendo a mim, muitas vezes, seu tempo em momentos de descanso, inclusive nos finais de semana e tarde da noite. Sem suas vivências, percepções e relatos, esta pesquisa jamais teria sido realizada. Aos meus queridos filhos, Zion e Diana, crianças maravilhosas as quais amo mais que a mim mesmo, e à minha amada esposa, Patrícia, que foram meus companheiros em arquivos, pesquisas, visitas, entrevistas e na redação deste trabalho.

“O efeito da memória é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com eles, e trazê-los a nós, para que estejam conosco.”

Padre Antonio Vieira, Sermões.

Resumo

A presente pesquisa se dedica ao entendimento do significado do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista para essa tropa e de como, ao longo do tempo, esse lugar contribui para desenvolver nos paraquedistas militares brasileiros o seu senso identitário conhecido como “mística paraquedista”. Seu foco é na análise imagética e, sobretudo, de relatos de vários componentes desse grupo social a respeito do significado desse espaço para a tropa aeroterrestre no Brasil.

Palavras-chave: Morte, lugar de memória, memória coletiva, identidade coletiva.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	13
2. Fundamentação Teórica.....	17
2.1. Brigada de Infantaria Paraquedista: breve histórico.....	17
2.2. “Sê mais um paraquedista e orgulha-te de ti mesmo!”	19
2.3. Representações da morte na História Militar.....	28
2.4. Memória e Identidade.....	33
2.5. Naturezas do Espaço: significado, pertencimento e perspectivas.....	36
2.6. Paraquedistas militares mortos em atos de serviço: os campeões!....	41
2.7. A ZL da Eternidade: o Bosque dos Campeões.....	46
3. Procedimentos Metodológicos.....	49
4. Análise dos dados.....	57
5. Considerações finais.....	72
6. Bibliografia.....	79
6.1. Fontes eletrônicas.....	83

1. Introdução

“A verdade consiste em evitar o esquecimento. Existe um dever de memória, principalmente em relação ao que dói e incomoda”. (Le Goff, 1924)

“*Sê mais um paraquedista e orgulha-te de ti mesmo*”. Esta frase foi estrategicamente colocada na entrada da Área de Estágios da Brigada de Infantaria Paraquedista, que é o local onde anualmente grandes contingentes de militares voluntários das três Forças Armadas brasileiras e integrantes de forças armadas de outros países realizam árduos treinamentos com a finalidade de se tornarem paraquedistas (Pqdt) do Exército Brasileiro.

A Brigada de Infantaria Paraquedista é uma Grande Unidade do Exército Brasileiro cuja missão é “atuar com rapidez nas ações de defesa externa e de garantia da lei e da ordem, em qualquer parte do território nacional e, eventualmente, em operações de paz”.¹

Em 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro instituiu a Escola de Paraquedistas – atualmente conhecida como Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil (CI Pqdt GPB) – com a finalidade de habilitar militares a realizar atividades aeroterrestres, muito em função desse tipo de ação ter sido amplamente utilizado em diversos teatros de operações durante a grande guerra ocorrida entre os anos de 1939 e 1945. Os brasileiros pioneiros paraquedistas foram formados em Fort Benning, nos Estados Unidos, berço das tropas aeroterrestres estadunidenses, na segunda metade da década de 1940 (Loureiro, 2003). Esses homens trouxeram as técnicas que aprenderam para o Brasil e foram fundamentais no desenvolvimento de uma identidade que se conhece na caserna como a *mística paraquedista* (Oliveira, 2015). Esta foi sendo construída coletivamente, cultuada e transmitida pelos integrantes dessa tropa durante décadas e, à medida que os paraquedistas mais antigos deixavam as suas atividades operacionais, novos integrantes chegavam e davam seqüência ao legado dos pioneiros.

Nos anos 1980, o historiador francês Pierre Nora problematizou o surgimento dos lugares de memória.² Físicos ou simbólicos, estes espaços são construídos a partir de determinados interesses de grupos ou projetos. Na Europa a presença destes monumentos é abundante. No Brasil, é notável a constante tentativa das instituições militares em construir esse tipo de ambiente, numa clara tentativa de, em geral, reforçar a identidade militar e o patriotismo a partir de monumentos fúnebres. As atitudes diante da morte no Brasil

¹ (BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2017)

² NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: *Os Lugares de Memória*. I La Republique, Paris, Gallimard, 1984.

contemporâneo podem ser analisadas a partir das tentativas de construção de um culto cívico aos mortos em combate. Os monumentos fúnebres militares permitem identificar as atitudes coletivas da sociedade e a relação com seus mortos. Meu objeto de pesquisa é um espaço dessa natureza, mas que possui uma série de singularidades que o diferenciam em conteúdo e forma dos demais tipos de monumentos alusivos à morte de militares no Brasil: o Bosque dos Campeões, espaço que rememora os militares da Brigada de Infantaria Paraquedista caídos em atos de serviço.

Uma das principais referências na construção da mística paraquedista, o Bosque dos Campeões, situado no atual 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista (25º BI Pqdt), foi criado no final da década de 1950 no então Regimento Santos Dumont que, à época, reunia num único comando os atuais batalhões de infantaria paraquedista (o já mencionado 25º, o 26º e o 27º Batalhões de Infantaria Paraquedista). Anualmente, ocorre uma cerimônia em homenagem a todos os paraquedistas militares brasileiros que faleceram durante atos de serviço, sendo majoritariamente em saltos de aeronave militar em voo. Até o ano de 2008, essa cerimônia ocorria no dia 02 de novembro (Dia de Finados). A partir de 2009, por iniciativa do então Tenente-Coronel Casali – à época Comandante do 25º BI Pqdt – houve a mudança para o dia 11 de novembro, Dia Internacional dos Veteranos. Apesar das datas dessas cerimônias, o culto a esse lugar é diário. Não raro, é possível ver militares prestando continências ao passarem pelo bosque. Há visitas de familiares “paisanos” aos heróis ali representados em vários momentos durante o ano. Como disse Tuan (1975), é “a experiência, individual ou coletiva, que torna os lugares visíveis”. De fato, o significado do Bosque dos Campeões muito tem a ver com o culto à memória de homens que perderam suas vidas no cumprimento de missões praticadas por paraquedistas militares. Isso faz com que todos se sintam enternecidos e esse sentimento gera uma onda de solidariedade que alimenta o culto a esse espaço. É uma experiência que dura décadas e que permanece tão forte como sempre foi. O empenho em criar um ambiente especialmente destinado à celebração da memória desses militares e para os homenagear coletivamente, levou à construção desse monumento, que, no decorrer dos anos, passou a ter importante papel no próprio desenvolvimento da mística paraquedista.

Os Monumentos, mausolés e comemorações compõem uma parte das funções sociais da memória em que o principal desafio é estabelecer sentimentos de pertencimento e de continuidade. Para o historiador alemão Jörn Rüsen existem três níveis de memória: a memória comunicativa, a memória coletiva e a memória cultural. Estes níveis mudam ao

longo do tempo, variando principalmente de acordo com o grau de institucionalização da memória. Em sua distinção, ele afirma:

a memória cultural é a matéria para rituais e atuações altamente institucionalizadas. Ela tem o seu próprio meio e um lugar fixo na vida cultural de um grupo. A memória cultural representa o sistema político como uma estrutura una, bem como sua permanência no fluxo temporal dos eventos políticos.³

Há no mundo diversos monumentos arquitetônicos que se constituem em locais de memória dos mortos em guerra. Comparado com os estadunidenses, europeus e de outras nacionalidades, a relação dos brasileiros com tais espaços arquitetônicos é bem diferente, variando da pura ignorância sobre sua existência até à interpretação equivocada dos mesmos, passando também pelo completo abandono.⁴ Ao longo do presente trabalho, será possível notar que essa condição não se aplica ao Bosque dos Campeões, muito embora, é importante ressaltar, sua finalidade e público alvo sejam bastante distintas dos referidos monumentos arquitetônicos mortuários, cuja finalidade é a de construir laços de pertencimento por parte da sociedade em geral sob uma perspectiva patriótica e nacionalista.

A questão que me proponho a estudar e responder está relacionada com a importância do Bosque dos Campeões, enquanto lugar onde se preserva parte relevante da memória coletiva dos paraquedistas militares brasileiros no que tange a eventos fatais acontecidos nas últimas seis décadas. Interessa a mim, enquanto pesquisador, compreender de que forma essa memória, coletivamente produzida, diariamente preservada e espacialmente materializada, fortalece a denominada “mística paraquedista”, tendo em vista o enorme significado que esse lugar possui para esse grupo social específico. Nesse sentido, é importante ter em mente que a construção de identidades de indivíduos que praticam, vivenciam e compartilham um código de valores em contexto peculiar desenvolve uma cultura coletiva que tem como uma de suas vertentes a produção da memória desse grupo. Esses indivíduos constituem uma comunidade interpretativa (Fish, 1973) de onde surgem visões de mundo que criam, negociam e desempenham identidades (Wittgenstein, 2005).

O que esta pesquisa traz de original se refere ao fato de que realizo um esforço para associar o processo de construção e culto ao Bosque dos Campeões, enquanto lugar de memória, com o fortalecimento da mística paraquedista, que é a própria identidade dessa

³ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história In: História da historiografia, Ouro Preto: Edufop, número 02, março 2009, p.167.

⁴ PIOVEZAN, Adriane. Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções no Brasil (1944 – 1967). Tese (Doutorado em História), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

tropa. Metodologicamente falando, como será esmiuçado mais adiante, foi necessário mesclar os escassos registros documentais a respeito desse monumento a partir de entrevistas com vários integrantes e ex-integrantes da Brigada de Infantaria Paraquedista que serviram nessa Grande Unidade do Exército Brasileiro em diferentes épocas. Por se tratar de uma questão fundamentalmente social, optei por me utilizar parcialmente de um paradigma de pesquisa historiográfica mesclada com uma abordagem etnográfica como sendo o mais adequado para abordá-la. Refiro-me à História Oral, mas não me prolongarei nesse aspecto específico da pesquisa agora, pois o mesmo será bastante aludido mais adiante. Quando se procuram estudar fenômenos em que o ser humano é o principal agente, onde as interações entre esses diferentes agentes são complexas e os contextos (temporais e socioespaciais) diversificados, faz-se pertinente o recurso desse viés da abordagem etnográfica.

Face ao exposto, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: no Capítulo 2, fundamento teoricamente minha pesquisa. Discorrerei, em vários subcapítulos, sobre os diversos elementos que compuseram meu esforço em mergulhar de cabeça na busca pela compreensão da importância do Bosque dos Campeões para os militares paraquedistas, enquanto espaço onde se (re)produz parte significativa da própria memória coletiva desse grupo social, e o quanto isso influencia na construção e fortalecimento da mística paraquedista. Para dar conta disso, serão apresentadas informações sobre representações da morte na História e sua relação com a produção de memória. Um breve histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista e o jeito de ser dos militares dessa tropa de elite. Como há uma constante referência a um espaço geográfico, é de fundamental importância, para garantir uma maior consistência e coesão à presente pesquisa, que sejam apresentadas as características gerais de alguns conceitos geográficos que serão recorrentes no decorrer deste trabalho, como Espaço Geográfico e Lugar. Os processos de construção de memórias coletivas e sua eventual relação com a invenção de tradições⁵ são outros importantes aspectos de que tratarei mais adiante. Por fim, abordarei temáticas associadas diretamente ao objeto de estudo: os campeões eternizados no referido espaço e um histórico da construção e culto a esse ambiente, além de, num viés etnográfico.

O Capítulo 3 é reservado para apresentar os componentes metodológicos por mim utilizados para dar conta da elaboração do presente trabalho. Já o Capítulo 4 é dedicado à análise dos dados coletados em campo, a partir das escolhas metodológicas que fiz com vistas

⁵ HOBBSAWN & Eric. RANGER, Terence (orgs.). A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2015 (10ª edição).

ao melhor aproveitamento possível das fontes que obtive em face do objeto que decidi investigar.

O último capítulo é dedicado a tecer considerações finais, entendimentos e sugestões de prosseguimento de pesquisa.

2. Fundamentação Teórica

“A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Paulo Freire, 1996).

2.1. Brigada de Infantaria Paraquedista: breve histórico

Conforme vimos na Introdução do presente estudo, a implantação da Escola de Paraquedistas já havia sido determinada pelo comando do Exército logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1945. A grande questão seria onde implantá-la. A área escolhida pertencia à atual Escola de Artilharia de Costa Antiaérea (EsACosAAe). Tal escolha se deveu ao fato de que o local era próximo do Campo dos Afonsos, unidade militar da Força Aérea Brasileira que atuaria em parceria com o Exército com vistas aos embarques e lançamentos das tropas paraquedistas em adestramentos ou para eventuais missões em que fosse necessário o seu emprego.

O espaço cedido pela EsACosAAe era uma área pantanosa salpicada por várias pequenas colinas situada entre as antigas fazendas Sapopemba e dos Afonsos (atuais bairros de Deodoro, Vila Militar, Marechal Hermes e Campo dos Afonsos). À época, era impraticável instalar uma Escola de Paraquedistas num ambiente instável como aquele. Nesse sentido, foram realizadas obras para drenar e aterrar suas margens alagadiças, a fim de preparar o terreno para que a construção da unidade militar em que paraquedistas seriam formados e treinados pudesse ser desenvolvida a contento. Várias das pequenas colinas existentes no terreno foram desterradas com a finalidade de que seus sedimentos servissem para aterrar as áreas pantanosas. A maior das colinas daquele terreno foi mantida, sendo um elo entre a atual Área de Estágios do CI Pqdt GPB e os batalhões (25º, 26º e 27º Batalhões de Infantaria Paraquedista, além do Batalhão de Dobragem e Manutenção de Paraquedas e Suprimentos pelo Ar – Btl DoMPSA). Nessa colina, atualmente, encontram-se algumas unidades militares da maior importância para as atividades operacionais e administrativas empreendidas pela

Brigada de Infantaria Paraquedista, como a Companhia de Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista – Cia Cmdo Bda Inf Pqdt, a Companhia de Precursores Paraquedistas – Cia Prec Pqdt, a 20ª Companhia de Comunicações Paraquedista – 20ª Cia Com Pqdt e o Destacamento de Saúde Paraquedista – Dst Sau Pqdt. A colina em questão é uma importante referência espacial para todos os paraquedistas, sendo conhecida como Colina Longa Paraquedista. Encerrados os trabalhos de drenagem do solo, aterro e terraplanagem, iniciou-se a construção da Escola de Paraquedistas, sendo a mesma inaugurada em 1945. O então Capitão Roberto de Pessôa havia adquirido em Fort Benning, Estados Unidos, uma significativa quantidade de material a ser utilizado durante as sessões de treinamento, visando à formação de combatentes aeroterrestres. Desde então, aproximadamente 90 mil militares foram formados no Curso Básico Paraquedista – C Bas Pqdt, sendo a imensa maioria deles brasileiros integrantes do Exército, mas havendo também significativos contingentes de militares brasileiros integrantes da Força Aérea Brasileira e da Marinha do Brasil, além de militares de diversas nações amigas, como, por exemplo, Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, França e Portugal.

No entorno da antiga Escola de Paraquedistas (atual CI Pqdt GPB) e da Área de Estágios foram surgindo ao longo dos anos todas as unidades que integram a Brigada de Infantaria Paraquedista na atualidade. A grande maioria dos saltos de adestramento da tropa eram realizados no Campo dos Afonsos, posteriormente denominada Base Aérea dos Afonsos (BAAF), a partir do ano de 1949.

Em 1954, tendo em vista a expansão da tropa paraquedista, fato que fez com que houvesse a necessidade de maior espaço para a acomodação desses militares, o Quartel General (QG) do então Núcleo da Divisão Aerotransportada (NuDAet) e seu Regimento de Infantaria Paraquedista foram transferidos para as instalações do então 2º Regimento de Infantaria, atualmente conhecido como Regimento Avaí ou “o Dois de Ouro”, situado na Avenida Duque de Caxias, na Vila Militar do Rio de Janeiro. Em 1957, foi inaugurado o QG do NuDAet, assim como novas instalações para abrigar o Regimento de Infantaria Paraquedista e também a Artilharia Paraquedista junto ao Arroio dos Afonsos, que divide territorialmente a área da Brigada Paraquedista do Campo dos Afonsos pertencente à Força Aérea Brasileira.⁶

Em 1969, o NuDAet passa a ter a designação de Brigada Aeroterrestre. Dois anos depois, nova mudança de designação para Brigada Paraquedista, como, aliás, é popularmente

⁶ (MEMÓRIA HISTÓRICA DO CI Pqdt GPB. Disponível em: <<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/download/MEMORIA%20HISTORICA.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017)

conhecida até os dias atuais. Catorze anos se passaram e, em 1985, nova mudança de designação, desta vez para Brigada de Infantaria Paraquedista como é chamada até hoje.

2.2. “Sê mais um paraquedista e orgulha-te de ti mesmo!”

A aproximação de indivíduos em prol da formação de um grupo está calcada nos interesses comuns que eles compactuam. Sejam nos hábitos, práticas corriqueiras, gostos e opiniões, os pares tendem a se unir em torno de suas aspirações e igualdade de desejos. Da Viá (1983) afirma que essa maneira de integração é reflexo de um processo no qual um indivíduo se vê no seu semelhante, ou seja

através da interpretação psicológica, as relações sociais são estruturadas através do mecanismo de identificação. Esse mecanismo se apresenta como *introjeção*, que é a atribuição ao outro de suas próprias características (DA VIÁ, 1983, p. 30).

A similaridade entre os membros de um grupo torna-os solidários entre si, de modo que, juntos, passam a lutar “na direção do que convém aos impulsos de uma só vontade” (SCHIRMER, 1987, p. 65). Nas Forças Armadas, quando os ânimos estão todos voltados para os mesmos ideais, o todo sobrepõe-se ao individualismo e as atitudes dos membros do grupo emanam respeito e estima de uns pelos outros. Diz-se que todos estão imbuídos de “espírito de corpo” ou de coletividade. Segundo Schirmer (1987), este “valor militar” é preponderante para estabelecer, de forma sólida, a harmonia plena entre os integrantes de um grupo em torno de um pensamento único.

Por melhor que sejam as qualidades individuais dos componentes de uma Força Armada e por mais modernos e eficientes que sejam os seus meios materiais, esta Força só conseguirá a plenitude do seu desempenho se os seus componentes estiverem impregnados de um sentimento de amor à coletividade na qual convivem, labutando com vistas aos mesmos ideais. A isto se chama Espírito de Corpo (SCHIRMER, 1987, p. 65).

Nessas condições, a coletividade é uma força coesiva, ou seja, um elemento que dá ao grupo “condições e atitudes altivas” para enfrentar obstáculos antes considerados intransponíveis. Os sentimentos de camaradagem e de afeição criam o prazer de compartilhar com o grupo os momentos de dificuldades e dúvidas, perigos e incertezas, ao mesmo tempo em que desenvolvem “ações de defesa de seus membros frente a estranhos” (SCHIRMER, 1987, p. 65). A camaradagem

estabelece o sadio relacionamento entre os componentes de uma Força Armada, cria a união e a confiança, fortalece as tradições,

solidificando os ideais comuns para dar vida ao aforismo ‘a união faz a força’. Torna a instituição um bloco monolítico em que as aspirações ou ambições pessoais ilegítimas deixam de existir (SCHIRMER, 1987, p. 71).

A formação do espírito de corpo de uma tropa é de fundamental importância para a atividade-fim de cada uma das Forças Armadas. Se entre os militares existir um sentimento que os une e os torna coesos, tendo a mente voltada para o desenvolvimento de suas atribuições com vistas a um bem comum, qualquer objetivo que lhes seja determinado será mais fácil de ser alcançado. No entanto, mesmo que já esteja estabelecido um contato mais próximo, as ações que cultivam a coletividade e o espírito de corpo devem ser rotineiramente trabalhadas, de modo que, cada vez mais, o grupo esteja plenamente integrado.

O desenvolvimento do espírito de corpo obtém-se com a prática diuturna das virtudes militares e do estímulo ao amor ao trabalho e à Pátria. [...] Uma tropa dotada de Espírito de Corpo estará apta a cumprir com sucesso qualquer missão, sempre que lhe for exigida a entrada em ação (SCHIRMER, 1987, p. 66).

Em geral, os valores militares se caracterizam por uma forte integração e formação de espírito de corpo. No entanto, esses valores são amplificados quando analisamos detidamente a Brigada de Infantaria Paraquedista. As Forças Armadas do Brasil e do mundo possuem diversos *brevets* para indicar que seus militares possuem determinados tipos de habilitação. Esses símbolos possuem a mesma forma para Oficiais e Praças. No entanto, os dos Oficiais são dourados enquanto os das Praças são prateados. A única exceção é o *brevet* de paraquedista que é prateado do General mais antigo ao Soldado mais moderno. Da mesma forma, como fora mencionado anteriormente, nenhum paraquedista usa bigode (Oficiais, Subtenentes e Sargentos do Exército Brasileiro possuem autorização regulamentar para utilizá-lo) porque Cabos e Soldados são proibidos de possuir bigodes. Sendo assim, se alguns não podem usar, ninguém usará. Esses são exemplos de amplificação dos valores militares gerais quando se fala de paraquedistas.

Esse tipo de relação pode ser vista na própria organização espacial da Brigada de Infantaria Paraquedista. Todos os quartéis que integram a Brigada de Infantaria Paraquedista se localizam bem próximos entre si. Até aí, nada demais. No entanto, há um elemento relacionado a essa organização espacial que só existe na Brigada Paraquedista: o General Comandante da Brigada de Infantaria Paraquedista reside numa casa que fica no topo da colina mais elevada da região ocupada pelos quartéis da tropa paraquedista. Essa proximidade física entre o líder máximo de uma tropa e seus comandados, muito provavelmente, não tenha paralelo se considerados os Almirantes da Marinha do Brasil, os Brigadeiros da Força Aérea

Brasileira e os demais Generais do Exército Brasileiro. Diariamente, de qualquer ponto da Brigada de Infantaria Paraquedista, todos os paraquedistas podem avistar a “Casa do General”.

Os paraquedistas dão enorme importância à realização de atividades físicas. Além disso, há fortes laços estabelecidos de respeito e de camaradagem entre os militares da tropa, independentemente da patente e da época em que se formaram, pois há um consenso de que todos os que ostentam a boina grená, o *brevet* prateado e o *boot* marrom são dignos da honra de serem paraquedistas. Entretanto, no que se referem às atividades físicas, há mais um enorme diferencial dos paraquedistas em relação aos demais: a Brigada de Infantaria Paraquedista realiza mensalmente uma grande corrida com “busto nu” (termo nativo que indica que os militares estão realizando atividades sem camisa, com calça, cinto e com *boot* marrom) pela Vila Militar. São cinco quilômetros em 25 minutos. A “testa” (termo nativo que indica a primeira fileira dos grupamentos) é formada por militares acima dos 60 anos, para mostrarem aos mais jovens a fibra e a superação de que são capazes os paraquedistas, independentemente da idade. Se, por algum motivo, algum paraquedista não conseguir completar a corrida junto com a tropa, imediatamente alguns militares, de forma voluntária, saem de forma e se deslocam na direção desse militar, a fim de lhe dar “uma força e um incentivo” para que este consiga “cumprir a missão”.

Provavelmente o comportamento que mais diferencie os paraquedistas das outras tropas brasileiras é o tratamento dispensado aos seus veteranos. Veteranos estes que possuem, inclusive, uma associação: a AVBIP (Associação dos Veteranos da Brigada de Infantaria Paraquedista). Há enorme respeito e admiração dos militares da ativa na Brigada Paraquedista aos veteranos. Ao contrário do que ocorre nas demais tropas do país, onde os militares reformados só eventualmente são convidados a participar de eventos e de solenidades (Cavilha, 2009), mesmo assim, na condição passiva de assistência. Os veteranos da Brigada de Infantaria Paraquedista participam ativamente das atividades da tropa, inclusive durante os processos de formação dos recrutas e nos cursos de formação de paraquedistas (C Bas Pqdt). São conhecidos e reconhecidos por todos e reverenciados como “guardiões das tradições e da mística paraquedista”. A AVBIP possui uma sede dentro de um dos quartéis da Brigada Paraquedista (no 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista – 8º GAC Pqdt) e realizam eventos em que os “paraquedistas de todos os tempos” são convidados, além de realizarem um salto de aeronave militar em voo por ano na Zona de Lançamento (ZL) da Base Aérea dos Afonsos (BAAF).

Uma coisa absolutamente fundamental de ser mencionada a respeito dos paraquedistas militares é o fato de que todos os integrantes dessa tropa, em todos os tempos, desde o pioneiro Roberto de Pessôa, paraquedista militar 001 do Exército Brasileiro, são voluntários. Ou seja, para ser paraquedista militar, além de superar os rigores físicos e psicológicos a que todos são submetidos na Área de Estágios, cada integrante dessa tropa se voluntariou a dela tentar tomar parte.

A chamada “mística paraquedista” é um termo nativo específico dessa tropa e daqueles que são paraquedistas, mas que servem em outras tropas espalhadas pelo Brasil. É importante aqui pontuar a forte relação que a Brigada *Pqdt* possui com o que Castro (1990) chamou de “Espírito das Armas”, mais especificamente em relação à “Arma de Infantaria”. No âmbito da AMAN, Castro nos mostrou que os cadetes do Curso de Infantaria eram os mais “empolgados” e “bitolados” no sentido de que essa arma é a mais combatente dentre todas. Durante as entrevistas com cadetes infantis, Castro notou que eles se auto-proclamavam “mais enquadrados” ou “mais militares” que os cadetes que integravam as outras armas. Na Infantaria, o cumprimento da missão, a vibração e a predisposição a “ir para o mato” é muito superior ao que se percebe nas outras armas – Cavalaria, Artilharia, Comunicações e Engenharia, que possuem mais “papiro” (seus integrantes devem ler e estudar mais). Ao analisar o perfil dos militares paraquedistas, essas características não apenas ficam claras, como são até mesmo maximizadas. Afinal, não podemos nos esquecer de que a Brigada Paraquedista é eminentemente uma tropa de Infantaria, não obstante o fato de ter em sua composição unidades e subunidades específicas das outras armas, quadros e serviços.

Castro (1990) nos mostrou, ao conversar com cadetes de outras armas, que eles classificam os infantis como “embusteiros”. Isto é, os infantis gostavam de contar vantagens a respeito dos seus feitos, conquistas (no âmbito militar ou “extramuros”). Essas são características fortemente presentes nos militares da Brigada *Pqdt* como um todo. O notável aqui é que há militares de todas as armas servindo na tropa paraquedista agem e pensam como infantis. Artilheiros, cavalarianos, comunicantes, engenheiros, intendentes e matbelianos, ao servirem na Brigada paraquedista, acabam se tornando “infantis”. O Subtenente Marinho, militar da arma de Artilharia com mais de 20 anos servindo na tropa paraquedista, certa vez disse que “na brigada, todos são infantis”. Essa situação transcende o Espírito das Armas proposto por Castro, pois os militares de outras armas acabam por assimilar vários atributos característicos dos infantis, mesclando-os com aspectos inerentes aos de suas armas.

A vibração e a empolgação dos paraquedistas têm a sua origem no “Espírito da Arma de Infantaria”. Há, nesse sentido, alguns termos nativos que são bastante comuns na Brigada *Pqdt* e que não são utilizados nas demais tropas do Exército. Dois deles serão abordados mais adiante neste trabalho. Um deles será desenvolvido agora pelo fato de ser o que mais representa a “mística paraquedista”: trata-se da expressão “*é essa porra mermo!*”

Essa expressão nativa tem a finalidade de pontuar que qualquer dificuldade será superada pela vibração e pelo empenho dos paraquedistas. Nesse sentido, o paraquedista se sente “inabalável” e “invencível”, “pronto para cumprir qualquer missão”. É uma condição que em muito se assemelha com o que Storani (2008) apresentou a respeito de como se sentem e se comportam os militares integrantes do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (BOPE). Ele mostra que os “caveiras” têm a certeza de que podem cumprir qualquer missão, em qualquer lugar, a qualquer hora e de qualquer maneira. Os paraquedistas apresentam uma postura semelhante e o “gatilho” para essa percepção flui com facilidade pelos integrantes da tropa paraquedista quando dizem, ante alguma dificuldade que podem vir a enfrentar, “é essa porra mermo!”

A expressão que encerrou o parágrafo anterior é um termo nativo que tem como significado o fato de que, para a tropa paraquedista, não importa a dificuldade da missão, ela será cumprida. Há outra expressão nativa bem mais antiga com significado similar e que tem total relação com a atividade fim dessa tropa: “agrupa e deixa bater”. Ela se refere ao último movimento que os paraquedistas realizam antes de realizarem as suas aterragens após os saltos. Em geral, as aterragens são momentos críticos dos saltos, pois um erro na execução pode causar sérias contusões em função do choque forte com o solo. Por isso, para evitar danos físicos, os paraquedistas devem “agrupar” (que significa unir pés, joelhos, encaixar a cintura e colar o queixo no peito) para que o impacto da aterragem ocorra com o corpo como se fosse um monólito. O “deixa bater” se refere ao próprio ato de se chocar ao solo. O termo indica que, ao se virem diante de quaisquer dificuldades, os paraquedistas devem se resignar e encarar a situação.

Há outros elementos interessantes a assinalar nesse esforço de tentar compreender como se forjou e se transmite a Mística Paraquedista de geração em geração. Um deles é semelhante ao que fora mencionado acima a respeito do *brevet* prateado que todos os paraquedistas usam. No Exército Brasileiro, Oficiais, Subtenentes e Sargentos podem ostentar bigodes, desde que sigam os padrões estabelecidos pelos regulamentos. Cabos e Soldados não têm esse direito. Tendo em vista essa realidade, nenhum Oficial, Subtenente e Sargento servindo na Brigada de Infantaria Paraquedista pode usar bigode, pois a adoção deste geraria

uma diferenciação insuperável entre os componentes da tropa, fato que poderia comprometer a coesão imprescindível a tropas especiais (Storani, 2008). É mais um elemento diferenciado que existe apenas no âmbito da Brigada *Pqdt*, quando comparamos com o restante do Exército Brasileiro. Outro elemento singular e que possui grande significado para os paraquedistas é o “Número de Pqdt”. Quando o militar conclui o Curso Básico Paraquedista e é declarado um paraquedista militar do Exército Brasileiro, ele recebe um número que funciona como se fosse o registro de identidade dele na tropa aeroterrestre para todo o sempre. Normalmente, os paraquedistas ostentam com orgulho uma medalha, pendurada no pescoço por um cordão de aço inox (há casos de paraquedistas que usam cordões e medalhas de prata) em que há o símbolo da Brigada de Infantaria Paraquedista, o nome completo do paraquedista, o número de paraquedista, a designação do Curso Básico Paraquedista por ele realizado (por exemplo, 98/1 – que indica o primeiro Curso Básico Paraquedista realizado no ano de 1998) e o tipo sanguíneo. Sobre a importância e o significado do “Número de Pqdt”, o Soldado Recruta Vicente disse o seguinte: “as coisas (de) que mais me orgulho são: Deus, o meu filho e de ter servido na Brigada de Infantaria Paraquedista”. Perguntado sobre o porquê disso (o orgulho de ser paraquedista), ele cravou que

“(o fato de) ter superado toda a pressão psicológica, o cansaço físico, as amizades que fiz e a coragem que tive para saltar de uma aeronave militar em voo – especialmente no primeiro salto – são coisas (de) que irei me orgulhar pelo resto da vida. Dinheiro nenhum paga isso. Aprendi que o paraquedista sofre menos porque sempre espera pelo pior. Por isso, sempre tento me superar. Para mim, essa é a grande diferença de ser paraquedista. Eu posso deixar de ser militar e até morrer, mas ninguém pode mais tirar a boina grená, o boot marrom e o brevet prateado que eu conquistei na Área de Estágios. Meu Número de Pqdt vai ficar pra sempre na história da Brigada de Infantaria Paraquedista”.

O conceito de *Ethos* é imprescindível para compreendermos de que forma pensam e como atuam os militares em geral. Segundo Geertz (1973), “o Ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético(...). O Ethos representa um tipo de vida implícito no estado de coisas do qual esse tipo de vida é uma expressão autêntica”. Geertz afirma ainda que tais coisas precisam ser “armazenadas” através de símbolos que sintetizam o que se conhece sobre aquele mundo em termos morais, estéticos e afetivos.

Se tomarmos como ponto de partida o reconhecimento de um *Ethos* Militar, é fácil identificar a existência de uma gama de símbolos, rituais, valores, condutas e discursos atrelados a esferas morais, estéticas e afetivas, com feições distintas e próprias, desenhando

um conjunto cultural complexo e estratificado (os chamados círculos hierárquicos) que orienta as ações dos indivíduos e ajuda a conservar significados próprios à cultura militar.

Da bandeira aos distintivos, da “ordem do dia” à “ordem unida”, das faxinas à farda, da rigidez das práticas ao enrijecimento do corpo e dos discursos, do sentimento de fadiga ao orgulho da farda, é que são construídos diariamente os elementos que compõem o *Ethos* Militar. Nesse sentido, cabe salientar que sempre há a oposição e mesmo o afastamento do que é “paisano”, conforme Castro (1990) apontou ao mostrar que “comparada a outras profissões, a militar representa um caso limite sociológico, contribuindo para uma grande coesão ou homogeneização interna – ‘Espírito de Corpo’ – mesmo que frequentemente ao preço de um distanciamento entre militares e o mundo civil”. Em tese, o cumprimento dos deveres por parte daquele que “encarna” o “Espírito Militar” deve sobrepor-se a tudo e a todos, ainda que vá de encontro às necessidades vontades e limites pessoais. A disposição para enfrentar sacrifícios está pautada na valorização de algo maior que os indivíduos – a Pátria, a Nação, a tropa da qual cada um depende para que sua vida siga em ordem, conferindo aos militares uma grandeza e dignidade que não apenas os diferenciariam dos “paisanos”, mas que os colocariam obrigatoriamente num patamar superior a eles. Muitas instituições militares cultivam o fechamento e o afastamento do resto da sociedade (daí ser tão difícil a realização de pesquisas com militares). Faz parte do *Ethos* militar interpretar que os olhares e a “intromissão” dos “paisanos” são suspeitos. Não é à toa que os quartéis em geral possuem muros enormes e um forte aparato de segurança que faz com que um grande contingente de militares “entre de serviço” todos os dias. Isso ocorre para “guardar o quartel” e a melhor forma de fazê-lo é mantendo os “paisanos” bem distantes do aquartelamento. Esse código de conduta também produz segregações internas, pois o meio militar é organizado fortemente em função das armas (Castro, 1990), mas também por gerações, círculos hierárquicos (por exemplo, é inadmissível um Sargento conviver com Oficiais, pois seria considerado uma “promiscuidade”), patentes e forças (Exército, Marinha e Aeronáutica). Esses são os traços mais característicos do que se convém chamar de *Ethos* militar.

A Brigada de Infantaria Paraquedista possui um *Ethos* próprio que, apesar de incorporar boa parte do que é praticado pelo chamado *Ethos* militar em geral, possui características que só existem na tropa paraquedista. Inicialmente, bem diferente do que apurou Cavilha (2009), após as chamadas “formaturas matinais”, os paraquedistas realizam, obrigatoriamente, um forte treinamento físico com cerca de duas horas de duração. Em geral, os “*pé pretos*” (militares não-paraquedistas), após as “formaturas matinais”, vão trabalhar nas suas seções/pelotões ou vão treinar “ordem unida” (atitudes, gestos e procedimentos militares,

como marchar e prestar continências), havendo exceções em que tropas não-paraquedistas, apesar de não terem o nível de operacionalidade característico da tropa paraquedista, mantêm um forte nível de adestramento e de esmero com a instrução de seus quadros, conforme muito bem salientou certa vez o Coronel R1 Vellozo. As atividades físicas dos “convencionais” são realizadas no máximo duas vezes por semana e por, no máximo, uma hora. O respeito à hierarquia e à disciplina permanecem inalterados no âmbito do *Ethos* paraquedista. No entanto, há uma espécie de “flexibilização” das relações entre os diversos círculos hierárquicos. Não é raro observar, por exemplo, Oficiais e Sargentos paraquedistas realizando corridas juntos na Vila Militar/RJ. Esse tipo de situação é inimaginável nos quartéis “convencionais”. Essa particularidade existente na tropa aeroterrestre foi explicada pelo Sargento Lima, paraquedista da turma de 1989 e que serviu em sete quartéis localizados em quatro das cinco macrorregiões brasileiras. Ele disse que “o fato de não haver distinção hierárquica quando os militares paraquedistas estão no avião prestes a realizar atividades de salto faz com que haja um enorme respeito entre eles”. Ele complementou que “no avião, um Soldado pode ter à sua frente um Capitão e um Coronel estar à sua retaguarda. O Capitão deverá confiar na capacidade do Soldado que, por sua vez, deverá confiar na do Coronel. O que o Sargento Lima quis dizer é que há uma série de procedimentos de segurança nos aviões antes dos saltos que independem da hierarquia militar. Os militares que estão atrás na fila para “abandonar a aeronave militar em voo” (termo nativo que significa saltar do avião) são responsáveis por inspecionar a adequação dos equipamentos dos militares que estão à sua frente. De certa forma, é como se a própria vida do militar paraquedista estivesse sempre nas mãos de outro militar (aquele que está imediatamente atrás dele). Nesse sentido, cabe salientar que as escalas de saltadores não levam em consideração o posto ou patente, mas as datas dos saltos dos militares paraquedistas. Isso gera um forte sentimento de coesão entre os paraquedistas, mesmo entre militares de diferentes círculos hierárquicos, diferentes turmas de formação e mesmo de diferentes armas, totalmente distinto do que ocorre no restante do Exército Brasileiro e das demais Forças Armadas. Em suma, “o vento que sopra no velame do General é o mesmo que sopra no velame do Soldado”, como afirmou certa vez um Major de Infantaria que servia no 26º BI Pqdt, na Força tarefa Santos Dumont (FTSD).⁷

Segundo o mesmo Oficial Superior acima mencionado, “um General corre os mesmos riscos (de morte) que um Soldado no momento do salto. Por isso, um pode e deve ser ajudado pelo outro, independentemente dos seus postos/graduações. Dessa forma, o culto ao ideal

⁷ BRUNO, Daniela Caldeira. Brasil Acima de Tudo! Narrativa e construção de identidades: o combatente paraquedista do Exército Brasileiro. Tese (Doutorado em Letras), PUC-RJ. Curitiba, 2010.

‘espírito de equipe’ aproxima e compromete a todos no grupo, para além do significado e do peso das patentes hierárquicas (Bruno, 2010).

Esses profissionais experienciam, no exercício diário das suas atribuições, situações altamente perigosas que envolvem efetivo risco de morte. A tropa se vê como dotada de excepcional audácia e aura desafiadora para cumprir suas atribuições no que tange à defesa da Soberania Nacional por serem empregados em uma substancial e diversificada gama de missões.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um General francês encontrou no bolso de um militar paraquedista daquele país, o Aspirante-a-Oficial André Zirnheld, morto heroicamente em combate no teatro de operações do Norte da África, em 1942, um arrazoado, escrito de próprio punho pelo soldado abatido. Ao ler tais palavras, o Oficial General em questão percebeu tratar-se de uma invocação dirigida a Deus, através da qual aquele combatente aeroterrestre fazia alguns pedidos aos céus. Essa história é amplamente contada e cultuada na Brigada de Infantaria Paraquedista, sendo usada como mais um elemento na construção da identidade dessa tropa de elite. Ela é contada, repetida, lembrada e aludida em um sem par de ocasiões por referir-se ao momento lendário da criação da ‘Oração do Paraquedista’. Essa oração fala de coragem, de força e de fé, conforme registro abaixo:

*“Dai-me, Senhor meu Deus, o que Vos resta!
Aquilo que ninguém Vos pede.
Não Vos peço o repouso nem a tranquilidade,
Nem da alma nem do corpo.
Não Vos peço a riqueza nem o êxito nem a saúde.
Tantos Vos pedem isso, meu Deus,
Que já não Vos deve sobrar para dar.*

*Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
Dai-me aquilo que todos recusam.
Quero a insegurança e a inquietação,
Quero a luta e a tormenta. Dai-me isso, meu Deus, definitivamente;
Dai-me a certeza de que essa será a minha parte para sempre,
Porque nem sempre terei a coragem de Vô-la pedir.*

*Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
Dai-me aquilo que os outros não querem;
Mas dai-me, também,
A Coragem,
a Força
e a Fé!”⁸*

⁸ (SECRETARIA-GERAL DO EXÉRCITO. Disponível em: < <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/oracoes/267-oracao-do-paraquedista> >. Acesso em: 30 abr. 2017)

Essas palavras, ao serem recitadas em momentos de tremenda vibração da tropa, onde se pode perceber a efervescência das massas (Durkheim, 1960), agem na construção de identidade do paraquedista. Acreditando ou não na versão da origem da oração, os combatentes aeroterrestres, na intensidade das emoções que surgem quando estão em grupo, clamam por tudo de negativo que jamais uma pessoa comum clamaria, reservando-lhes uma colocação diferenciada na sociedade, em especial no que concerne ao Exército Brasileiro.

Entendendo-se como especiais, audazes, corajosos e fortes, os paraquedistas concluem a oração com seu pedido maior: eles querem a coragem, a força e a fé. Noto que eles não pedem a vitória, e sim a força para lutar. Presenciar uma tropa inteira de paraquedistas no momento em que entoam, em grupo, sua oração, permite observar a emoção de que são tomados. Os paraquedistas mostram-se envolvidos por emoções identitárias advindas do orgulho que sentem da profissão que escolheram, e por analogia, do prazer e orgulho entender que são quem dizem que são (Bruno, 2010).

A coragem vista como a superação do medo é uma representação trabalhada discursivamente na tropa paraquedista e traz as marcas desta cultura. Eles pensam sobre essas questões, trabalham estas emoções, negociam-nas inclusive como um dos elementos de suas práticas ideológicas, haja vista considerarem a coragem como um dos elementos da mística paraquedista. Analiso que ao trabalharem discursivamente o entendimento da superação do medo, os paraquedistas denotam consciência de sua condição de mortal, de ser humano feito de carne e osso. Suas identidades sociais são, desta forma, construídas na práxis.

2.3. Representações da morte na História Militar

A busca pelo entendimento das representações e atitudes do Homem diante da morte é tão antiga quanto a Humanidade. Desde as primeiras representações pictóricas mortuárias registradas nas cavernas do período neolítico até a “morte interdita” dos nossos dias, as formas pelas quais representamos a morte e reagimos a ela têm fascinado e atraído interessados de todas disciplinas acadêmicas, profissionais de diferentes áreas do conhecimento e um enorme público de leitores ávidos (Piovezan, 2014).

Ariès⁹, historiador francês, publicou em 1977 o clássico “O homem diante da morte” no qual, através de uma perspectiva plurisecular e com o recurso a uma variedade de fontes, predominando as literárias e artísticas, propôs uma inspiradora periodização das atitudes e

⁹ ARIÈS, Phillippe. O Homem diante da Morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, v1 e 2.

representações da morte, cuja influência se faz notar até hoje. Por exemplo, mesmo em um livro mais afeto às Ciências Sociais, que trata da “Negação da Morte”, o Sociólogo Manuel Castells¹⁰ buscou respaldo nas constatações de Ariès para formular suas considerações sobre o atual desaparecimento dos rituais fúnebres e do sentimento de luto.

Para Edgar Morin¹¹, o fato do homem não abandonar seus mortos sem algum tipo de ritual, garante a sobrevivência dos mesmos na sociedade. Como processo social, a relação com a morte sofreu diversas transformações na História ao longo do tempo. A ritualização em torno da morte se modifica em diversos momentos. Os comportamentos referentes a esta categoria também se moldam conforme inúmeras variáveis.

No que se refere às Ciências Humanas em geral, o marco pioneiro dos estudos contemporâneos sobre a morte no Brasil é a coletânea organizada pelo sociólogo José de Souza Martins¹² em 1983. Trata-se de um livro motivado pela reação do organizador contra o que ele entendia ser “o banimento da morte”, “degradação da morte”, enfim, o “silêncio” que já havia recaído sobre a morte no Brasil há mais de um quarto de século.

Talvez o primeiro autor nacional manifestamente dedicado ao estudo das representações e atitudes diante da morte seja João José Reis em seu fundamental livro lançado em 1991, “A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”.¹³ O foco do livro é a revolta popular que eclodiu na Bahia em 1836 conhecida como “cemiterada”. No episódio, as massas populares em revolta destruíram o recém-inaugurado cemitério municipal, onde deveriam ser enterrados os mortos que, até então, eram sepultados dentro das igrejas. O contexto examinado pelo autor foi marcado por uma extensa e crescente medicalização e normatização dos procedimentos fúnebres, promovida pelo poder público, sob o impacto de sucessivas epidemias. A revolta teria eclodido devido à percepção das pessoas, de diferentes classes sociais e origens étnicas, de que a prática que se estava impondo a elas de enterrar seus mortos em cemitérios profanava os ritos fúnebres domésticos, públicos e familiares, sendo considerada uma afronta inaceitável à paz e à honra dos mortos.

Um dos principais autores a focar essa temática a partir dos anos 1990 é o acadêmico norte-americano Jay Winter. Suas pesquisas focam estas questões com relação aos grandes conflitos mundiais, sempre numa base internacional. Seu estudo clássico sobre as manifestações públicas e privadas dedicadas aos mortos na Primeira Guerra Mundial (1914-

¹⁰ CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol. 1. A sociedade em Rede, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

¹¹ MORIN, E. O homem e a morte, Lisboa: Europa-América, 1975, p.25.

¹² MARTINS, José de Souza. (org.) A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo, HUCITEC, 1983.

¹³ REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

1918) englobou diferentes países europeus como a França, Grã-Bretanha e Alemanha, analisando tópicos como o retorno dos mortos à terra natal, comunidades de luto, espiritismo, memoriais de guerra, o processo de luto, e como as maciças e sem precedentes perdas humanas naquele conflito se representaram em diferentes linguagens como filmes, poesias, romances etc.¹⁴

Embora complexo e extenso, seus trabalhos se inscrevem na vertente da História Cultural, na medida em que se propõe abordar tanto a história social das representações quanto das práticas sociais significativas. No primeiro caso se trata de interpretar o processo de transformação histórica das imagens e conceitos através dos quais as pessoas compreendem o mundo em que vivem. No segundo caso se está fazendo referência às atividades sociais que lançam mão publicamente dessas representações.¹⁵

No exame dessa vasta e relevante produção destacam-se vários apontamentos teórico-metodológicos relativos aos estudos das representações e atitudes diante da morte. No que tange às primeiras, é o caso de se citar a sempre controversa e muito debatida relação entre indivíduo e a sociedade, manifesta na inserção a determinado grupo social, origem nacional, filiação institucional, geracional, dentre outros elementos, a que pertencem. As profusas e extensas bases documentais legadas por uma série de instituições públicas e privadas são altamente reveladoras de uma diversidade de comportamentos, anseios, necessidades psicológicas e atitudes coletivas diante da morte.

Por outro lado, a rica e diversificada variedade de fontes particulares e registros pessoais utilizadas por esses autores permite perceber, em detalhe, como o drama e a dor da perda de amigos e parentes afetava suas vidas e os envolvia com outros indivíduos que haviam passado pela mesma situação de dor e desespero. O que segue sendo difícil de estabelecer é a proporção em que comportamentos, valores e atitudes individuais moldam a ação coletiva e institucional e como, inversamente, são moldadas no que se refere às práticas de luto e a rememoração dos mortos.

Com a Primeira Guerra Mundial existe a sistematização de como enterrar os mortos, buscando uma igualdade nas homenagens a todos os combatentes e não como decorrência da sua função específica na guerra. O comum antes desse evento era enterrar os soldados rapidamente em valas comuns nos próprios campos de batalha ou em cemitérios locais já existentes. Este trabalho ou era feito pelos próprios soldados ou por vezes deixado para a

¹⁴ WINTER, Jay. *Sites of memory, sites of mourning: the great war in European Cultural History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p.310

¹⁵ WINTER, J. Apresentação In: CAPDEVILA, Luc & VOLDMAN, Danièle. *War Dead: western societies and the casualties of war*. Edimburgh, Edimburgh University Press, 2006. p.vii.

população dos locais onde as batalhas eram travadas.¹⁶ Os únicos militares a merecerem sepulturas adequadas e nominadas eram os de condição social superior, geralmente os oficiais de alta patente.

O historiador George L. Mosse identifica que o culto ao soldado caído começa com a Revolução Francesa. Em algumas ocasiões os cadáveres cremados tinham as cinzas guardadas. A partir desse contexto a sua condição de escória da sociedade, habitualmente atribuída aos soldados comuns, começa a ser alterada no sentido de se tornar uma profissão digna de respeito.

Com a Primeira Guerra Mundial, o grande número de mortos trouxe consigo o crescimento da consciência da individualidade de cada soldado. Mesmo com a morte em uma escala jamais vista anteriormente, o valor individual de cada vida humana é enfatizado. Todo combatente, oficial ou não, nobre ou não, deveria ser lembrado. Trata-se de um contexto marcado pela ampliação das liberdades civis e da extensão do direito de voto.

A partir da Primeira Guerra Mundial foram estabelecidos critérios de procedimentos com os mortos em guerra que pautariam tais condutas praticamente até nossos dias. Nesse processo, os exércitos envolvidos, formularam práticas que foram utilizadas intensamente nos conflitos posteriores, como na Segunda Guerra Mundial e em enfrentamentos posteriores.

Nesse sentido, torna-se imprescindível pontuar que outros monumentos alusivos a mortes de militares combatentes em atos de serviço passaram a ser construídos, como o Monumento aos Paraquedistas Portugueses Mortos (Figura 1) e o Monumento aos Fuzileiros Navais Mortos em 1809 (Figura 2), situado na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. O Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista, objeto dos esforços de análise atinentes a esta pesquisa, é um desses monumentos que, diferentemente dos supramencionados monumentos mortuários relacionados a caídos em grandes guerras, foram erigidos para rememorar membros de tropas que perderam suas vidas no cumprimento de suas atividades profissionais.

Por fim, é imprescindível compreender que as atitudes diante da morte, apesar de historicamente analisáveis e geograficamente materializadas, são elaborações socioculturais e, dependendo do contexto, implementadas a partir de fortes motivações políticas. Por isso, compreender e contextualizar o papel das estruturas culturais pré-existentes, como aquelas que construíram a ‘mística paraquedista’, enquanto identidade característica dos integrantes

¹⁶ WORDMAN, D. & CAPDEVILLA. War dead: Wersten Societies and the Casualties of War, p. 8.

dessa tropa (Oliveira, 2015), em especial a força da tradição, como variável relevante da análise. A estrutura a que eles se referem é entendida como:

uma espécie de código interpretativo que dota memórias individuais com significado de acordo com a tradição viva da memória desse grupo específico. Essa tradição pode ser transmitida através de rituais que lhe dão uma expressão tanto comportamental quanto emocional, mas pode também ser transmitida de uma forma emocional e racional através de manuais escolares, estórias passadas de pai para filho ou de mãe para filha, ficção, poesia, lendas populares, e coisas semelhantes. O código interpretativo se encaixa bem com a noção de scripts sociais/esquemas sugeridos por psicólogos cognitivos.¹⁷



FIGURA 1 – Foto de militares paraquedistas de vários países da Europa junto ao Monumento aos Paraquedistas Mortos em Combate Portugal, 2009. Disponível em: <http://www.operacional.pt/xxx-challenge-inter-ecoles-de-parachutisme/>

Acessado em: 03/04/2017



FIGURA 2 – Monumento aos Fuzileiros Navais mortos em combate. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.avcfn.com.br/?p=29410>

Acessado em: 09/03/2017

¹⁷ WINTER, J & SIVAN, E. War and Remembrance in the twentieth century. Cambridge University Press, 1999.

2.4. Memória e Identidade

A Memória é um poderoso elemento na construção de identidades individuais e coletivas. Neste subcapítulo, o objetivo é abordar a problemática existente entre a identidade social e a memória que a constrói. Discorrerei acerca do método da história oral, que utiliza entrevistas, sobretudo a partir da coleta de informações associadas a histórias de vida, que muito se assemelham a uma abordagem etnográfica. Há algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que a acontecimentos ou a fatos históricos não trabalhados por memórias. Isto é, existem expressões que remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do que ao que é factual num sentido positivista.

A *priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio de cada pessoa. Contudo, Hawbwachs, nas décadas de 1920-30, já pontuava que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social. Ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a constantes mudanças e transformações.¹⁸

Em sua análise da memória coletiva, Maurice Hawbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam a nossa memória individual e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles, incluem-se, evidentemente, os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora (1984), o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e as personagens históricas de cuja importância somos sempre (re)lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música e, por que não, as tradições culinárias. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo social, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais (Pollak, 1989).

Hawbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição ou um tipo específico de violência simbólica, destaca as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não por ações coercitivas, mas pela adesão afetiva ao grupo, a partir do conceito de “comunidade afetiva”. Na tradição europeia do

¹⁸ HALBWACHS, M. A memória coletiva. Paris: PUF, 1968.

século XIX, a nação é a forma mais acabada de um grupo social e a memória nacional, a forma mais completa de memória coletiva (Hawbwachs, 1968).

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e o porquê de eles serem solidificados e dotados de duração e de estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

É absolutamente fundamental ter em mente que os elementos constitutivos das memórias (individual e coletiva) são os acontecimentos vivenciados no nível pessoal. Há também a possibilidade de uma construção desses tipos de memórias a partir daquilo que Pollak definiu como “acontecimentos vividos por tabela”.¹⁹ Isto é, ocorrências vivenciadas pelo grupo ou coletividade da qual a pessoa se sente integrante. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível saber se ela participou ou não. Num exercício de aprofundamento da análise, é provável que a esses acontecimentos vividos por tabela venham a se juntar todos os eventos que não se situam no escopo espaço-temporal dessa pessoa e da maior parte dos integrantes atuais desse determinado grupo. É, pois, perfeitamente plausível que, por intermédio de processos de socialização cultural ou de socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com um determinado passado tão poderosamente envolvente que se nos remete a uma memória quase que herdada.

Há pessoas que se tornam marcantes em determinados contextos socioespaciais de tal forma que acabam por se tornarem personagens. Nesse sentido, há possibilidades de construção de memórias a partir do significado associado a determinadas pessoas que imprimem à sua época determinados acontecimentos que fazem delas verdadeiras instituições passíveis de análise. É possível, portanto, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela – num esquema semelhante àquele acima mencionado no que tange aos acontecimentos – indiretamente, mas que, por assim dizer, transformaram-se quase que em “conhecidas”. Há ainda a possibilidade de falarmos em personagens que não necessariamente pertenceram ao nosso referencial concreto de espaço-tempo. Um exemplo disso são os ex-Presidentes da República Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que trazem consigo uma impressão de que ainda estão presentes na atualidade, tamanha a influência de ambos para a história contemporânea brasileira.

¹⁹ POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: 1989. Vol. 2, n. 3.

Além dos já mencionados acontecimentos e personagens, os lugares também nos fornecem recursos para a construção de memória. Há lugares da memória, espaços geográficos particularmente ligados a uma lembrança pessoal, mas que também podem não ter apoio no tempo cronologicamente falando. Por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, independentemente da data factual em que tal vivência ocorreu, poderia produzir lembranças eivadas de significado para essa pessoa. Numa perspectiva mais pública e coletiva, há lugares que servem como apoio à memória, sendo espaços de comemoração ou de rememoração. Os monumentos aos mortos são um exemplo incontestado desse tipo de *locus*, podendo referenciar um período vivenciado pela pessoa ou vivido por tabela.

Esses três critérios (acontecimentos, personagens e lugares), conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Nesse sentido, a memória pode “ganhar” da cronologia oficial. Isto é, a rigor, pode-se dizer que há o predomínio da memória sobre determinadas cronologias socialmente construídas, ainda que esta última esteja mais fortemente relacionada a esforços retóricos. Isso torna a escolha do método, tendo em vista o objeto de pesquisa e as fontes disponíveis, ainda mais delicada e decisiva do que o habitual, pois é importante ter a mão instrumentos que garantam rigor analítico ao trabalho, a fim de evitar que eventuais doses de subjetividade potencialmente exageradas joguem por terra os esforços de produção acadêmica voltados à busca por respostas que contemplem satisfatoriamente as questões levantadas acerca dos objetos sob análise.

A memória herdada não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade, também, em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. É imprescindível reconhecer a memória como um fenômeno construído, especialmente num contexto sociocultural como o que ora está sendo analisado nesta pesquisa: o significado de um determinado espaço geográfico construído para homenagear paraquedistas militares mortos em atos de serviço. Afinal, conforme muito bem lembrado por Castro (2002), o Exército Brasileiro, ao longo da sua vasta trajetória, “inventou” diversas tradições que, desde então, passaram a ser cultuadas e se tornaram tradicionais. Ora, se afirmamos que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, é possível dizer que há também uma ligação fenomenológica muito estreita entre a “invenção” de tradições, a construção da

memória e o sentimento de identidade nos mais variados grupos sociais. Segundo Pollak (1989), a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.

A construção da identidade social é feita a partir de como os integrantes de determinada coletividade se veem e de como se enxergam numa comparação com os outros. Nenhum grupo social pode construir uma autoimagem isenta das diferenças identificadas quando da comparação com outros grupos. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos que são “diferentes”, tendo como outros referenciais determinados critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade que são engendrados a partir de estratégias de negociação direta com os outros.

As identidades sociais são, portanto, construídas a partir de esforços que um determinado grupo realiza ao longo do tempo para garantir a cada membro a produção e a difusão de sentimentos de unidade, continuidade, coesão e coerência a determinados valores, ritos e memórias.

2.5. Naturezas do Espaço: significado, pertencimento e perspectivas

Apesar da onipresença do Espaço, as Ciências Humanas e Sociais ainda não exploraram muito bem o potencial da Geografia nas suas pesquisas. Talvez isso ocorra em função de o conceito-chave da ciência geográfica, o Espaço, ser ainda considerado um termo muito ambíguo e sujeito a muitas interpretações. Muitas vezes, o espaço é visto como “espaço externo” ou “absoluto” e não como associado ao mundo humano, como nos casos dos conceitos de cultura, sociedade ou mente, havendo forte interesse pelas representações dos espaços (Cartografia), mas negligenciando os significados e processos de (re)construção dos ambientes.

Soja (1993) constata a negligência do espaço em detrimento de um “historicismo carcerário” que ignora que o tempo é apenas uma das três dimensões básicas e formadoras da existência humana, ao lado do ser e do espaço. As pesquisas humanas e sociais não se restringem a uma ordem exclusivamente cronológica, mas se alimentam de tempo e de espaço, de História e de Geografia, período e região e sucessão e simultaneidade. Desta feita, o casamento entre espaço e tempo representa um desafio metodológico por tentar combinar uma estrutura cronológica com outra espacial, podendo gerar procedimentos alternativos para estimular lembranças do passado.

Segundo Milton Santos, o espaço é “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados

isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.²⁰ Isto é, o espaço é construído e transformado a partir de processos sociais (sistemas de ações) que ficam materializados (sistema de objetos). Nesse sentido, os espaços são testemunhos incontestes das ações humanas, podendo ser lidos e interpretados a partir da análise dos conteúdos, significados e intencionalidades a eles associadas. O espaço, portanto, deve ser compreendido não como “categoria-estaque-absoluta”, mas por intermédio de categorias geográficas menos vagas e mais “sensíveis” aos diversos contextos a que os espaços sempre estão inseridos, como o Lugar, a Paisagem e o Território. Essas categorias geográficas nos permitem apreender de forma concreta o espaço, tirando desse conceito a sua aura de abstração e de totalidade desprovida de conteúdo (“tudo é espaço”).

O enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções: sua utilidade atual, passada ou futura vem exatamente do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas geralmente é também funcional. Esses objetos e essas ações são reunidos numa lógica que é, ao mesmo tempo, a lógica da história passada (sua datação, sua realidade material, sua causação original) e a lógica da atualidade (seu funcionamento e sua significação presentes). Cabe ressaltar que a ação humana não é exclusivamente uma ação racional. Weber²¹ já o havia dito quando enumerou suas quatro formas básicas: ações racionais por via do instrumento, racionais pelo valor, tradicionais e afetivas (Santos, 2014). Jurgen Habermas (1973) fala de uma oposição entre atividade instrumental e atividade comunicacional, sendo a primeira relacionada com o trabalho, enquanto a segunda associa-se com as interações simbólicas. Simmel se referia a “cristalizações da ação social”.²² Segundo o Sociólogo alemão, a explicação do mundo passa pelas formas (geográficas) e pela vida. Ele se refere, por um lado, ao que vem do passado e se cristaliza como forma e, de outro lado, ao presente, que seria a vida.

Além das citadas, dentre outras, categorias geográficas, torna-se necessário enfatizar que a relação entre memória e espaço também se apresenta em diferentes escalas, desde, por exemplo, a visão individual de um Oficial Superior em final de carreira que visita a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) até o significado simbólico de lugares históricos voltados à manutenção de uma identidade nacional positiva e distinta com vistas a transmitir

²⁰ SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. EdUSP, São Paulo: 1996.

²¹ WEBER, M. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Editora da Universidade de Brasília, Brasília: 1999.

²² SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: Mana, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005, p. 577-591.

um sentido de continuidade com o passado. Vale salientar que nas pesquisas sobre a memória, tanto as pessoas quanto os lugares precisam ser contemplados na investigação, pelo fato de estarem intimamente entrelaçados. Ao mesmo tempo, o espaço, como lugar das coisas, constitui um sistema coerente de imagens coletivas, no qual todos os procedimentos do grupo social que a ele dá sentido podem se traduzir em termos espaciais. Assim sendo, “cada aspecto, cada detalhe dos lugares, possui um sentido inteligível somente para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço por ele ocupadas passaram a se constituir em pontos de marcação de um tempo por ele vivido”.²³

A categoria geográfica de lugar possui variações de significado como, aliás, ocorre com muitos conceitos nas Ciências Humanas e Sociais. Os olhares diferenciados dos pesquisadores contribuem para que surjam diferentes percepções e interpretações. Tendo em vista essa situação, optei por abordar o conceito de lugar segundo a corrente Humanística da Geografia. Até porque, essa corrente do Pensamento Geográfico em muito se aproxima dos estudos relacionados à memória e à identidade característicos da História e das Ciências Sociais, fato que contribui significativamente no esforço por produzir um trabalho com coerência conceitual e consistência argumentativa. Para a formação da identidade do lugar, a relação entre a pessoa (ou grupo social) e um determinado espaço traz à tona lembranças, desperta sentimentos e produz percepções que os envolve, sendo essencial nos processos de produção de memórias. Experiências, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de Lugar. Em *Fenomenologia e relações sociais*, Wagner (1979) aponta que “não existem marcas e signos em si”, mas “somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos” lhes atribuem. “O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.” (Tuan, 1979). O espaço vivido, segundo Relph (1976) contém o espaço sagrado e o espaço geográfico. Nesse sentido, o autor aponta para o fato de que existe um “espaço existencial” e que essa modalidade de espaço é o que define a existência do lugar para determinados grupos humanos. Ele afirma que “a estrutura oculta do espaço como aparece para nós em nossas experiências concretas como membros de um grupo cultural, é o que define o seu significado para os grupos sociais a ele diretamente ligados”.

Após a abordagem da categoria geográfica lugar, passaremos a tratar de outra categoria espacial, mas que cada vez mais vem atraindo as atenções de pesquisadores da

²³ PIETREFESA DE GODÓI, E. O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, UNICAMP:1999.

História e das Ciências Sociais, a saber, os lugares de memória. Esses ambientes reúnem a ideia de patrimônio, como forma de preservar uma memória, como o espaço enquanto locus desta. Nesse sentido, a materialidade da memória seria representada pelo espaço físico e como ele se organiza em função de permitir lembranças e sentimento de pertencimento, elementos cruciais para a construção de identidades e de preservação da memória, aspectos imateriais característicos desses ambientes.

Não há grupo ou atividade coletiva que não tenha relação com uma parte do espaço. Assim, por exemplo, as atividades relacionadas às práticas funerárias têm seu espaço definido. São espaços especiais e sagrados (Relph, 1976). Os espaços religiosos sobrevivem, pois os grupos escolhem esses locais e os mantêm de acordo com suas lembranças e seus rituais. Desta feita, a manutenção da atividade ritual está relacionada à existência e à manutenção do lugar. Na interpretação pós-processual, os megalíticos europeus são considerados paisagens rituais, espaços cerimoniais e sagrados ou de simbologia astronômica e cósmica, que foram construídos e mantidos ao longo do tempo. Neste caso, houve a manutenção dos sítios como um local especial, com a incorporação de novos elementos ao longo do tempo. Esses espaços serviram para a preservação da memória dos grupos sociais que os construíram e utilizaram.²⁴

O contrário, ou seja, a destruição e/ou descaracterização dos espaços, pode ser verificado em vários momentos históricos. Em algumas situações, ocorreu a dominação de um povo por outro e os espaços religiosos foram destruídos e/ou profanados, como forma de apagar a memória do grupo subjogado. Assim, é possível concluir que, a memória, em conjunto com o espaço, contribui significativamente na preservação das identidades culturais. É importante pontuar que, no caso específico da Brigada de Infantaria Paraquedista, há a possibilidade de ocorrer uma transferência dessa grande unidade para o estado de Goiás, pois sendo uma Força de Ação Rápida e Estratégica para o Comando do Exército Brasileiro, seria operacionalmente interessante que a tropa paraquedista estivesse situada no centro do território e junto à capital do país. No entanto, uma questão que se coloca é a respeito de qual destinação seria dada aos quartéis dessa tropa na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo a seus lugares marcantes, que possuem forte significado para os integrantes e ex-integrantes dessa tropa de elite, como é o caso da Área de Estágios e do objeto de estudo desta pesquisa: o Bosque dos Campeões.

A ameaça de esquecimento causado pela aceleração histórica justificou a necessidade do registro dos traços e vestígios das memórias. Como não existem mais memórias, restam os

²⁴ DE CASTRO, V.M.C. O Espaço Funerário como Lugar de Memória. Departamento de Arqueologia: UFPE, 2010.

chamados lugares de memória. Esses ambientes expressam o desejo da volta aos ritos que definem os grupos e a própria busca do auto-conhecimento desses grupos. São locais onde já ocorreu a ruptura com o tempo. De acordo com Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (1993).

Os lugares de memória podem ser definidos como aqueles em que se pode acessar uma memória reconstituída que dê sentido de identidade. Existem no sentido material, funcional e simbólico, pois possuem materialidade, função coletiva e operam no campo do simbólico. Podem ser museus, arquivos, cemitérios, monumentos, santuários entre outros.

Outras duas categorias geográficas são importantes para fins de análise da temática que ora proponho. Gomes²⁵ apresenta duas novas perspectivas espaciais como possibilidades para novas abordagens acerca das questões socioespaciais existentes num mundo cada vez mais complexo e carente de análises. Refiro-me as categorias espaciais de *Nomoespço* e de *Genoespço*. A primeira tem relação com a capacidade que determinadas instituições possuem para controlar os espaços sob sua jurisdição e dos meios que dispensa para dar conta dessa demanda. Por exemplo, no caso que ora desenvolvemos, o Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista, num sentido mais amplo, e os comandantes de cada uma das Organizações Militares paraquedistas integrantes dessa Grande Unidade têm os meios necessários para determinar posturas (individuais e coletivas), as missões que serão realizadas pela tropa, de que forma os espaços e os comportamentos dos paraquedistas militares e demais pessoas que por aquelas localidades passam (militares não-paraquedistas, veteranos, funcionários civis, permissionários, visitantes em geral etc.) estarão dentro do “previsto”. Ou seja, a categoria geográfica de *Nomoespço* nos permite identificar a própria força institucional exercida pelos diversos comandantes dos aquartelamentos paraquedistas no seu trabalho de controle e de gestão dos espaços sob seu comando e responsabilidade. A categoria *Genoespço*, por sua vez, refere-se à forma como os espaços são apropriados e os significados e usos que a ele são associados por parte dos membros de determinado grupo social. Muitas vezes, os gestores do *Nomoespço* e os valores por eles impostos entram em conflito com as práticas e interesses daqueles que se apropriam do espaço em sua vertente *Geno*. No entanto,

²⁵ GOMES, Paulo César da Costa. A Condição Urbana: Ensaio de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

há possibilidades que transcendem essa tendência conflituosa de perspectivas e convergem para usos que, se não são comuns, podem ser, com certeza complementares.

Por fim, cabe o registro de que o espaço é um ponto de referência, uma espécie de ancoradouro para o grupo social e, enquanto ligado ao seu lugar, esse grupo transforma (dinâmica) e se adapta (estática). Nesse sentido, o espaço é um dado social que nos faz e pelo grupo social é feito.

2.6. Paraquedistas militares mortos em atos de serviço: os campeões!

A vida militar impõe riscos a seus integrantes. Afinal de contas, a atividade militar, de defesa das instituições e, sobretudo, de proteção à sociedade e ao território por ela ocupado, exige daqueles que são profissionais nessas lides dedicação exclusiva no cumprimento dessas missões, havendo, pois, o risco de que algo de pior possa ocorrer, quer seja em missões reais ou em atividades constantes de adestramento para garantir a operacionalidade necessária nos momentos em que a tropa for chamada a agir. No entanto, mesmo cientes de que o pior eventualmente pode acontecer, sobretudo numa tropa em que o risco de morte é iminente, é difícil lidar com essa circunstância a cada vez que ela acontece. A tropa paraquedista optou, como veremos mais adiante, por construir um monumento em homenagem aos que nos deixaram enquanto cumpriam suas nobres missões: o Bosque dos Campeões.

Os campeões caídos durante atividades diversas da atual Brigada de Infantaria Paraquedista (vimos anteriormente que essa Grande Unidade teve outras designações no decorrer da sua história) ou a ela associadas (casos de militares paraquedistas da Marinha do Brasil e da Força Aérea Brasileira) têm seus nomes registrados na memória da tropa e imortalizados no acima referido monumento que possui um forte significado para os paraquedistas militares de todos os tempos, especialmente para os integrantes da Infantaria paraquedista e, sobretudo, para os que integram o atual 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista.

Aqui, abro espaço para um relato pessoal da minha relação com esse lugar tão marcante para a tropa paraquedista. Em 1997, eu era Aluno do Curso de Formação de Sargentos (Al CFS) da saudosa Escola de Material Bélico (EsMB), no Rio de Janeiro. Desde o início do ano, numa primeira sondagem com realizada no Corpo de Alunos da Escola de Instrução Especializada (EsIE) – naquele tempo, o “período básico de instrução do CFS era realizado na EsIE para os alunos do Curso de Formação de Sargentos no Rio de Janeiro – e eu me declarei como potencial voluntário para a tropa paraquedista. Também pudera, morando a vida inteira no subúrbio de Marechal Hermes, vizinho à área ocupada pela Brigada de

Infantaria Paraquedista e pela Quinta Força Aérea (V FAE), na lendária Base Aérea dos Afonsos, ao me ver como futuro militar de carreira do Exército Brasileiro, rapidamente decidi por integrar aquela tropa na qual me inspirava para, durante a infância, junto com meus amigos, criar diversas brincadeiras ou, simplesmente, assistir de perto aos saltos junto à mencionada Base Aérea da FAB. Tudo definido e uma grande expectativa tomava conta de mim e dos demais colegas que, assim como eu, foram voluntários a servir nessa tropa. Mas, em outubro de 1997, a morte de um 3º Sargento da arma de Engenharia (esse campeão servia na 1ª Companhia de Engenharia de Combate Paraquedista – 1ª Cia Eng Cmb Pqdt) mexeu significativamente com o ânimo de muitos dos então voluntários. Vários desistiram, mas me mantive firme no objetivo de servir naquela tropa tão diferente e que desde a infância me encantava. A passagem do Sargento Eugênio para a Zona de Lançamento (ZL) da Eternidade foi eternizada com a sua inclusão no Bosque dos Campeões e com uma linda canção que é entoada, desde então, pelos integrantes da 1ª Cia Eng Cmb Pqdt sempre que os integrantes dessa Subunidade realizam corridas em forma pela Vila Militar, no Rio de Janeiro:

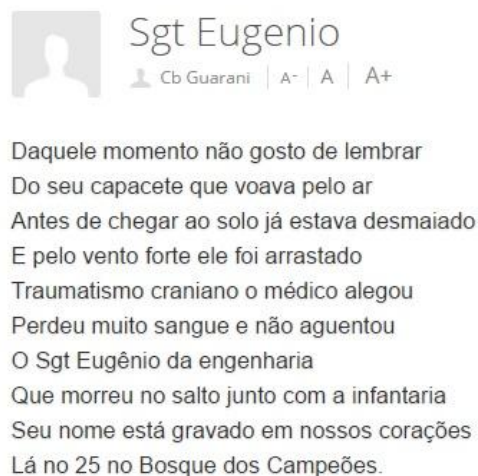


FIGURA 3 – Canção em homenagem ao 3º Sargento Eugênio, da 1ª Cia Eng Cmb Pqdt, morto durante um salto na Base Aérea dos Afonsos, no dia 11 Out 97. Disponível em: <http://letrasaz.com/pt/cb-guarani/sgt-eugenio>

Acessado em: 02/05/2017

Eu me apresentei ao Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil – Escola de Paraquedistas 1945 (CI Pqdt GPB – Es Pqdt 1945) no dia 01 Dez 97, após a minha formatura por conclusão de curso ocorrida no dia 28 Nov 97, na EsIE. Permaneci por exatos 10 anos, seis meses e sete dias servindo na tropa paraquedista e nesse estabelecimento de ensino militar especializado. Nessa década, tive duas perdas muito próximas de companheiros que passaram a abrilhantar o Bosque dos Campeões.

Em 23 Ago 00, em campo Grande/MS, o então Instrutor do Curso de Precursor Paraquedista (C Prec Pqdt), 1º Tenente de Cavalaria Galvão, faleceu durante um salto noturno da fase final do 00/1 C Prec Pqdt. Ele tinha apenas 23 anos e havia se casado recentemente. Meses antes, eu havia tirado alguns serviços de escala com o Tenente Galvão. Ele como Oficial-de-Dia e eu como Comandante da Guarda. Além disso, na primeira fase do curso (conhecido como “Comandinhos” pelo fato de se assemelhar ao Curso de Ações de Comandos, conduzido pelo Centro de Instrução de Operações Especiais – CI Op Esp, cuja origem, assim como toda a Brigada de Operações Especiais, foi a Brigada de Infantaria Paraquedista), cumprimos missões juntos em instruções do Curso Prec Pqdt na Represa do Funil e no Pico das Agulhas Negras (estágio de Escalador Militar, conduzido por militares do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha – 11º BI Mth, vindos de São João Del Rey/MG). A morte do Tenente Galvão comoveu toda a Brigada de Infantaria Paraquedista por ter ocorrido com alguém tão jovem, por ser um Precursor Paraquedista (máximo de especialização combatente no âmbito da Brigada de Infantaria Paraquedista) e por ele ter servido, num curto período de tempo (do final de 1996, quando chegou oriundo da AMAN até aquele fatídico dia de agosto de 2000) em três diferentes quartéis da Brigada: 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (1º Esq Cav Pqdt), Companhia de Precursores Paraquedistas (Cia Prec Pqdt) e, como Instrutor do Curso Prec, no CI Pqdt GPB.

Nos meses que se passaram entre a minha chegada ao CI Pqdt GPB e a conclusão do 98/1 Curso Básico Paraquedista (98/1 C Bas Pqdt), como era de se esperar, sofri forte pressão por parte dos companheiros que já ostentavam a boina grená, o *boot* marrom e o *brevet* prateado, símbolos distintivos dos integrantes da tropa paraquedista. Como o 98/1 C Bas Pqdt só teve início em março de 1998, passei por cerca de 90 dias de dificuldades. No entanto, dei a sorte de conseguir um armário exatamente no corredor onde estavam alojados os integrantes da Equipe de Salto Livre do Exército Brasileiro (Eqp SL EB). Fui imediatamente “adotado” por seus integrantes, sendo alguns deles Oficiais oriundos da carreira de Sargentos, como o saudoso Tenente Aguiar, conhecido em toda a Brigada de Infantaria Paraquedista como “Bochecha”. Esses Oficiais preferiam permanecer no alojamento de Subtenentes e Sargentos para manterem a coesão da equipe. O Chefe dessa equipe de atletas militares era o Major Pacheco, paraquedista militar com o maior número de saltos na história do Exército Brasileiro (contando os saltos livres e os “ganchos”). O pessoal da Equipe de Salto Livre do Exército Brasileiro, Major Pacheco incluído, foi absolutamente fundamental no meu período de adaptação à tropa paraquedista antes da realização do C Bas Pqdt. Passei a treinar com eles, foram eles que me ensinaram os “bizus” para realizar a Pista de Cordas (série de obstáculos

para adestramento de tropa que é uma das atividades físicas do Curso Básico Paraquedista) e como me cuidar nos momentos de descanso entre as árduas e extenuantes sessões do curso. Sempre mantive, ao longo do tempo, um forte relacionamento de amizade com os integrantes da equipe. Por isso, numa certa manhã de sexta-feira, dia 08 Jun 01, pouco menos de um ano após a perda do Tenente Galvão, foi um grande choque para mim, no nível pessoal, e para toda a Brigada de Infantaria Paraquedista a notícia do falecimento do Major Pacheco, Chefe da Equipe de Salto Livre, durante a realização de uma demonstração para uma comissão de parlamentares vinda de Brasília-DF para visitar a Brigada de Infantaria Paraquedista. A coisa tomou uma dimensão ainda maior porque eu assisti a parte do acidente, pois, como sempre ocorrer em todos os quartéis da tropa paraquedista, parei para assistir à exibição de salto livre. Logo, eu e todos os demais notamos que havia algo de errado, pois um dos saltadores, após a etapa de queda livre, não comandara o seu paraquedas. Somente depois tivemos a notícia de que aquele saltador era o Major Pacheco.

Anos após a minha saída voluntária das fileiras do Exército Brasileiro, mais especificamente da tropa paraquedista (os militares morrem duas vezes na sua trajetória de vida: uma, é o fim da nossa vida. A outra é quando deixamos nossa vida militar, nossa rotina, nossos companheiros e passamos à reserva ou por vontade própria, como foi o meu caso). Como ex-militar, soube de notícia altamente comovente no ano de 2012: o falecimento do Major Beckenkamp, das Forças Especiais, durante a realização de um salto de aeronave militar em voo no Peru, onde esse oficial realizava um curso. Como mencionei anteriormente, realizei o 98/1 C Bas Pqdt. O “zero um” desse curso era o então 1º Tenente de Infantaria Beckenkamp, do 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BFEsp). Ele já era um Comandos e buscava suas asas de prata para realizar o Curso de Forças Especiais – para ser um membro das Forças Especiais, o militar deve possuir os cursos de Comandos e de Paraquedista, além de ser aprovado no mencionado curso. O então Tenente Beckenkamp foi um grande líder daqueles 150 alunos que buscavam atingir a formação como paraquedistas militares. Ensinou, especialmente aos menos experientes, como os Aspirantes-a-Oficial egressos da AMAN e aos 3º Sargentos recém-chegados das escolas de formação, como a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) e as já citadas EsIE e EsMB. Sua atuação liderando aquele grupo de militares foi decisiva para o elevado índice de aprovação obtida por aquele turno: 89 novos paraquedistas militares dos 150 que iniciaram o curso. Os anos se passaram, novas missões surgiram para todos, mas jamais esquecemos daquelas seis semanas em que, juntos, iniciamos a nossa trajetória na tropa aeroterrestre. Grande parte dessa coesão e do nosso sucesso coletivo, com certeza, deve ser atribuído ao esforço do Tenente Beckenkamp.

Essas quatro mortes de militares paraquedistas, entre o final do ano de 1997, quando me formava na então EsMB, e agosto de 2012, quando eu, já “paisano”, soube do falecimento do Major Beckenkamp, mexeram consideravelmente comigo num nível pessoal. Pensando em termos coletivos, em termos de tropa paraquedista e, no caso do Major Beckenkamp e de outros militares falecidos (como o Cabo Toski, falecido em atividade de salto livre, em Vila Velha/ES, no ano de 2002) e da Brigada de Operações Especiais, o sentimento de perda é irreparável e de difícil explicação. Afinal, por conta da forte identidade associada à tropa, a chamada “mística paraquedista” (Oliveira, 2015), cada paraquedista militar caído em ato de serviço, mesmo desconhecido no nível pessoal, é muito próximo e sua perda a todos atinge pela noção de que qualquer um de nós poderia estar na situação deles. Abaixo, apresento a lista daqueles que foram eternizados no Bosque dos Campeões, tema específico do próximo subcapítulo:

AVBIP			
Bosque dos Campeões			
EB – MB – FAB			
Nossa homenagem aos Paraquedistas militares, das três Forças Armadas brasileiras, que tombaram no cumprimento do dever, ao abandonarem uma aeronave militar em pleno voo e partiram para as Zonas de Lançamento do Firmamento.			
Sd EB	Pqdt 1950/9*	Roberto Fernandes da Costa	15 Set 1950
3º Sg EB	Pqdt 234	João Alves Diniz	10 Out 1950
Cb EB	Pqdt 302	Paulo Wilhelm Nieto	10 Out 1950
3º Sg EB	Pqdt 242	João Oliveira Vieira	16 Abr 1953
Sd EB	Pqdt 1.072	Eudócio Fernandes	21 Ago 1953
Sd EB	Pqdt 1955/6*	Pedro Antônio Pestana	13 Jun 1957
3º Sg EB	Pqdt 1.131	Adenilton Miranda	13 Nov 1957
Sd EB	Pqdt 3.363	João Rodrigues da Silva	26 Out 1958
Ten Cel EB	Pqdt 5.237	Ney de Lins Barros	26 Out 1958
3º Sg EB	Pqdt 604	Hamilton Argolo Sacramento	26 Out 1958
Sd EB	Pqdt 4.938	José Ribamar Gama Lopes	09 Ago 1960
1º Ten EB	Pqdt 2.930	Wilson Arantes Bongiovani	02 Jul 1962
3º Sg EB	Pqdt 8.246	Antônio Carvalho Filho	20 Jul 1962
Sd EB	Pqdt 8.383	Luzinar Alves de Oliveira	12 Fev 1963
Cap EB	Pqdt 5.296	Antônio Pequeno Vieira	05 Abr 1963
3º Sg EB	Pqdt 3.127	Nicolau Radusz	12 Out 1963
3º Sg EB	Pqdt 8.290	Benedicto Monteiro	12 Out 1963
Cão EB**	Pqdt	Dofin	Fev 1965
3º Sg EB	Pqdt 1.700	Herculino José da Silva	06 Set 1965
Sd EB	Pqdt 24.809	Silas Nascimento de Oliveira	09 Out 1974
Sd EB	Pqdt 24.565	Paulo Sérgio de Souza Silva	09 Out 1974
Sd EB	Pqdt 24.775	Ivan Pereira de Araújo	09 Out 1974
3º Sg EB	Pqdt 14.494	Silvio Gonçalves Dutra	11 Fev 1977
2S FAB	Pqdt 17.762	Otávio Maria	21 Out 1977
3º SG FN	Pqdt 5.774	Tomio Yussa	10 Mar 1978
Sd FN	Pqdt 31.329	Derbio José da Silva Filho	03 Dez 1980
Sd EB	Pqdt 34.987	Claudio de Mendonça Duarte	19 Mai 1981
Cel EB	Pqdt 26.182	Hélio Malta	29 Abr 1983
3º Sg EB	Pqdt 37.667	Irapuê Klein do Amaral	29 Nov 1983
SO FAB	Pqdt 9.389	Marival José Raymundo	03 Out 1984
Cb FAB	Pqdt 39.163	Mário Lucianelli Araujo	12 Nov 1985
Cb FN	Pqdt 20.821	Bonargues de Assunção Almeida	28 Ago 1986
Cap EB	Pqdt 27.430	René Sérgio Surjus	12 Abr 1988
Sd EB	Pqdt 47.605	Sidney José Ferreira	07 Dez 1988
Sd EB	Pqdt 48.995	Ocimar dos Santos Filho	13 Jul 1988
Sd EB	Pqdt 48.613	Marcelo de Souza Rodrigues	27 Nov 1989
Sd EB	Pqdt 50.008	Robson Silva Moreira	01 Out 1991
Cap FB	Pqdt 35.957	Romildo Loureiro Pereira	19 Out 1991
CT FN	Pqdt 48.221	Waldack Lira de Macedo	14 Jun 1996
Maj FAB	Pqdt 34.326	Luciano Eugenio de Almeida	11 Out 1997
Ten Cel EB	Pqdt 28.561	Caio Heltor Abitbol Nogueira	21 Nov 1991
Cap FAB	Pqdt 56.301	José Carlos Ferreira da Silva	30 Dez 1992
3º Sg EB	Pqdt 62.290	Moacyr Malcher Castello	14 Jun 1996
Cb EB	Pqdt 61.191	Sebastião Winckler	08 Mai 1998
Sd EB	Pqdt 62.228	Adriano Santiago Ribeiro	10 Mai 2000
1º Ten EB	Pqdt 35.997	Caio Ricardo Camalari Galvão	24 Ago 2000
Cb EB	Pqdt 37.845	Rudney dos Santos Pacheco de Moraes	08 Jun 2001
3º Sg EB	Pqdt 66.860	Wildemar Toski dos Santos	26 Fev 2002
Maj EB	Pqdt 63.037	Hélio Vitor Teixeira	12 Mai 2004
Sd EB	Pqdt 83.578	Adriano Antunes Gomes	28 Mar 2012
		Genaro Machado Beckenkamp	28 Ago 2012
		Ailton Carlos de Freitas	06 Jun 2013

* Indicado o número do Turno na Área de Estágios, por não terem sido qualificados paraquedistas militares.
 ** Vide próxima página.

XCVI

FIGURA 4 – Lista dos integrantes do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista mortos durante saltos de aeronave militar em voo.

MÁXIMO, F & FAGUNDES, L. Almanaque Pqdt: 70 anos de paraquedismo militar no Brasil. Rio de

2.7. A ZL da Eternidade: o Bosque dos Campeões



FIGURA 5 – Vista do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista, no 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista.

Arquivo pessoal do Capitão QAO Gonçalves, 2016.

Há lugares que nos remetem à busca por repensar o mundo onde vivemos e o que fizemos, proporcionando as condições necessárias para um reajustar de atitudes e, acima de tudo, novas perspectivas em relação à vida e às nossas atitudes. É essa a percepção que pude extrair das entrevistas que realizei com paraquedistas militares quando arguidos acerca do que passava pelas suas cabeças quando ouviam falar ou se lembravam do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista.

Segundo o que consta da “Memória Histórica do 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista”, elaborado a partir de informações coletadas pelo Capitão QAO Gonçalves, veterano paraquedista, o Bosque dos Campeões foi criado em 21 de maio de 1958, no então Regimento Santos Dumont que, à época, estava sob o comando do então Coronel Santa Rosa que, futuramente, comandaria o então NuDAet como Coronel e depois como Oficial-General. Em 1968, pelo Decreto Nº 63.573, do dia 07 de novembro, o 1º Regimento de Infantaria Aeroterrestre foi desdobrado em três batalhões independentes. Foi, então, criado o 3º Batalhão Aeroterrestre, atual 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista, à época conhecido como “Batalhão Fantasma”, pois só possuía em seus quadros alguns Oficiais e Sargentos, não

havendo efetivos de Cabos e de Soldados (ver FIGURA 6). A partir deste ano, coube a essa Organização Militar a missão de manter em sua área esse espaço considerado sagrado para os paraquedistas militares. Anualmente, uma cerimônia em homenagem aos integrantes dessa tropa de elite mortos em atos de serviço, sendo que a maior parte desses óbitos ocorreu em atividades de saltos de aeronave militar em voo. Até 2008, a cerimônia ocorria no dia 02 de novembro, coincidindo a data com o Dia de Finados. A partir de 2009, o comando do batalhão à época propôs uma mudança dessa data, com vistas a ressignificar o evento. A celebração passou a ocorrer a cada 11 de novembro, oportunidade em que, internacionalmente se comemora o Dia Mundial dos Veteranos. A proposta veio do então Tenente-Coronel Casali que comandava o aquartelamento tido como o “berço da Infantaria Paraquedista no Brasil”. Recentemente, o atualmente Coronel Casali, Comandante do CI Pqdt GPB, afirmou que desejava alterar o significado atribuído aos eventos, “passando de um evento fúnebre e que trazia em si uma aura de tristeza para uma ocasião de rememoração aos combatentes aeroterrestres brasileiros caídos em serviço em que houvesse uma exaltação mais positiva ao sacrifício por eles realizado”.

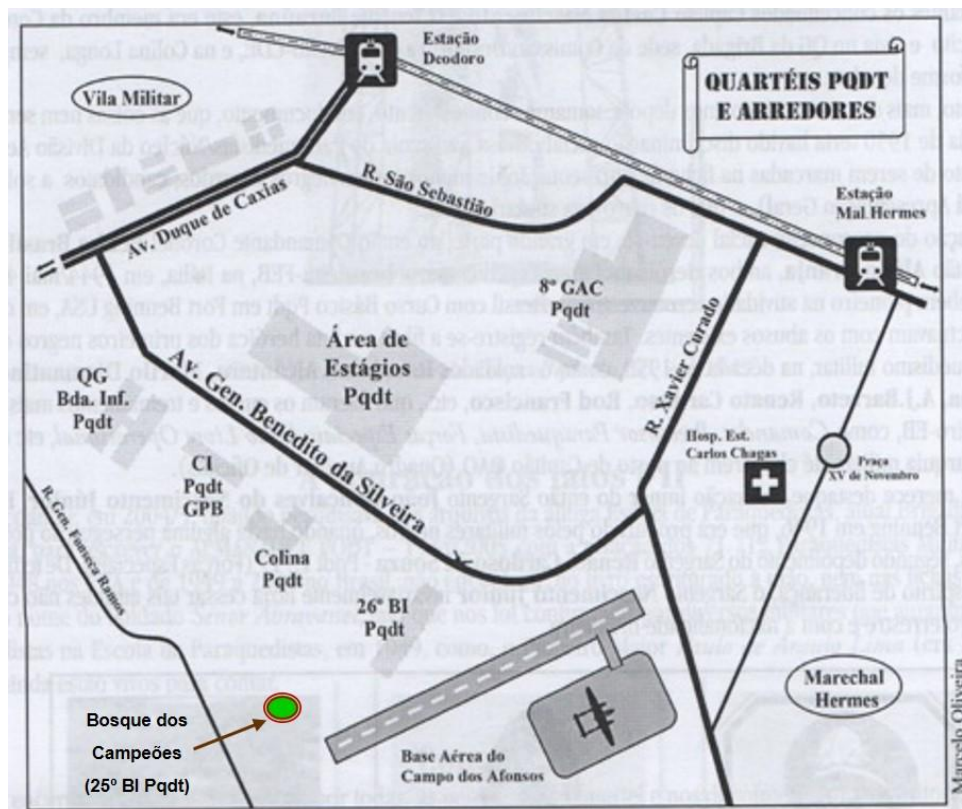


FIGURA 6 – Mapa dos quartéis e dos arredores da Brigada de Infantaria Paraquedista (adaptado).

MÁXIMO, F & FAGUNDES, L. Almanaque Pqdt: 70 anos de paraquedismo militar no Brasil. Rio de Janeiro, AVBIP: 2016.

Os nomes gravados e dispostos ao longo do Bosque dos Campeões homenageiam os paraquedistas que cumpriram honrosamente suas missões nas lides aeroterrestres, no período compreendido a partir de 1950 até os dias atuais, e que partiram para a chamada “Zona de Lançamento da Eternidade” (ZL da Eternidade).

Pensando em termos institucionais mais amplos, o Exército Brasileiro possui referenciais fixos, fundamentos sólidos e imutáveis denominados valores militares. Uma das manifestações essenciais desses valores é o culto aos seus patronos, chefes militares e heróis de todos os tempos. Nesse sentido, a Brigada de Infantaria Paraquedista, dotada de sua mística, compartilha com as três Forças Armadas – há homenagens a militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea mortos em atos de serviço e que eram paraquedistas militares no referido espaço – esses mesmos valores e busca, ao evocar o passado, mantê-lo vivo e para preservá-lo na memória de seus integrantes atuais, pretéritos e vindouros, a fim de manter sua unidade, coesão e identidade própria.

Segundo o Coronel R1 Rogério, um cavalariano, o “Bosque dos Campeões não poderia ter outro nome para homenagear os guerreiros alados que tombaram a serviço da pátria. O bosque representa a eterna saudade, admiração e agradecimento por parte de todos os paraquedistas militares de ontem, de hoje e de sempre”.

Em 2013, por ocasião das comemorações do 45º aniversário do 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista, o General Escoto, Comandante da Brigada de Infantaria Paraquedista, presidiu uma solenidade, no dia 11 de novembro, que tinha a dupla finalidade de parabenizar aquela Organização Militar pelo seu já mencionado aniversário e também os paraquedistas militares brasileiros de todos os tempos que tombaram no cumprimento de suas missões. O discurso proferido na ocasião pelo então Comandante da tropa paraquedista traz em si muito do significado do Bosque dos Campeões para os paraquedistas:

“Senhoras e senhores presentes e familiares,

como parte do justificável júbilo de que somos tomados neste momento especial, em que se comemora o 45º aniversário de criação do antigo 3º Batalhão de Infantaria, atual 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista, nada mais apropriado que se acrescente ao evento, o compartilhamento de nossa alegria e do sentimento do dever cumprido, com esta emocionada singela homenagem que se presta àqueles cujos nomes ocupam este sagrado recanto, que, por sua natureza e simbolismo, leva o nome de ‘Bosque dos Campeões’.

Resultado da extraordinária iniciativa de antigos comandantes da Infantaria Paraquedista, a partir do final dos anos 1950, conservado e aprimorado pelos seus sucessores ao longo dos tempos, a ele foram sendo incorporados os nomes daqueles que tombaram quando do exercício da nobre missão do serviço ao Exército e à Pátria.

Repousam neste solo sagrado os nomes representativos e as lembranças dos nossos queridos companheiros que deram sua considerável parcela de trabalho e devotamento na construção e consolidação da Infantaria Paraquedista e da própria Grande Unidade Aeroterrestre, ao longo dos tempos.

São oitenta e nove militares dos mais variados postos ou graduações, do general de Exército, ao simples recruta, que tombaram vítimas de vários eventos fatais, ocorridos quando da realização de saltos com paraquedas, incidentes e acidentes na instrução, além do combate a ações de defesa das instituições, no combate a organizações subversivas, que resultou na morte do então Major MARTINEZ, integrante do Estado Maior da Brigada.

Embora não se pretenda destacar a importância de cada um dos saudosos companheiros, cada um com seu valor no contexto da História da tropa aeroterrestre, sobressai, por sua natureza e circunstância, o nome do General PAMPLONA, que, além de ter sido um dos comandantes da Infantaria, como Coronel, veio a tornar-se anos mais tarde, como General, comandante da nossa Brigada, cuja vida foi ceifada, já general de exercito, no exercício do elevado cargo de Chefe do Estado Maior do Exército, ao lançar-se de paraquedas, na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná.

Assim, o que temos pela frente, reverenciados com gratidão e saudade, são lembranças silenciosas, cujas trajetórias nos orgulham, servem de lembrança para os que os conheceram, deixando perenes exemplos para as gerações presentes e futuras.

Ao lado dos bravos paraquedistas, se insere o nome do cão DOLPHI, já experimentado animal paraquedista, acabou também vitimado quando da realização de salto, ao ser lançado por seu tratador.

Parafraseando a bela expressão, que define o sentimento de perda e de saudade dos nossos irmãos paraquedistas portugueses, igualmente vitimados em serviço, cujos nomes também ocupam o merecido lugar de destaque na memória e nos monumentos erigidos naquela tropa, que diz em sua eloquência e sentimento:

AQUELES EM QUE O PODER NÃO TEVE A MORTE!

BRASIL, ACIMA DE TUDO!”²⁶

3. Procedimentos Metodológicos

“O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador.” (Minayo, 1994).

“Nada justifica que se abrandem os métodos da Formação Básica Paraquedista”. Esta frase é atribuída ao Paraquedista Militar Nº 001 do Brasil, o General Roberto de Pessôa, pioneiro dos pioneiros nas lides aeroterrestres num momento em que se referia aos árduos métodos de treinamento postos em prática durante as atividades relacionadas ao Curso Básico

²⁶ Arquivo pessoal do Capitão QAO Gonçalves gentilmente cedido para fins desta pesquisa em janeiro de 2017.

Paraquedista. Os paraquedistas militares de todos os tempos concordam com esse ponto de vista. Afinal, é nas duras sessões de instrução que ocorrem na Área de Estágios que a t \hat{e} mpera paraquedista é forjada. Além disso, enquanto tropa de elite, é absolutamente imprescind \hat{e} vel que a prepara \hat{c} o (f \hat{i} sica, t \acute{e} cnic \hat{a} e psicol \acute{o} gica) contemple as necessidades de real emprego da tropa. N \hat{o} obstante, o m \acute{e} todo de que tratarei neste cap \acute{i} tulo se relaciona com a estrutura \hat{c} o e desenvolvimento da presente pesquisa. Ou seja, as escolhas que fiz, os ajustes que tive de realizar no decorrer dos trabalhos e como, afinal, conduzi as atividades de pesquisa, coleta de dados, an \acute{a} lise das informa \hat{c} oes obtidas e, por fim, a atividade de produ \hat{c} o deste trabalho que ora realizo.

A convic \hat{c} o da abordagem que n \acute{o} s, pesquisadores, adotamos quanto ao paradigma de pesquisa que desenvolvemos \acute{e} fundamental para que nossas vozes e os resultados de nossas pesquisas sejam legitimados, confi \acute{a} veis e, conseq \acute{u} entemente, mais \acute{u} teis. Al \acute{e} m disso, a forma como escolhemos abordar nossas quest \acute{o} es, os m \acute{e} todos de pesquisa que buscamos, as estrat \acute{e} gias para gerar dados de que necessitamos dizem muito sobre nossas perspectivas em rela \hat{c} o \acute{a} natureza da realidade, sobre nosso foco de interesse a respeito da exist \hat{e} ncia do mundo, de como ele se nos apresenta. Em suma, a nossa maneira de compreender e analisar a realidade \acute{e} refletida a partir da metodologia por n \acute{o} s definida para dar conta do que pretendemos pesquisar. O paradigma de pesquisa que adotamos \acute{e} , antes de tudo, uma quest \acute{o} ontol \acute{o} gica que determina n \hat{o} apenas nossa abordagem ou os m \acute{e} todos de pesquisa, mas tamb \acute{e} m os prop \acute{o} sitos que abra \hat{c} amos e as identidades que desempenhamos. Paradigmas s \hat{a} o, assim, enquadres que funcionam orientando quais s \hat{a} o os problemas a serem investigados e definindo teorias, explica \hat{c} oes, m \acute{e} todos e t \acute{e} cnicas para resolver tais quest \acute{o} es. Comungo do pensamento de Kuhn (Glesne, 1999) ao argumentar que os dados e as observa \hat{c} oes em uma pesquisa s \hat{a} o orientados pela teoria. A teoria \acute{e} , por sua vez, orientada pelo paradigma e os paradigmas s \hat{a} o orientados, hist \acute{o} rica e culturalmente, dentro de um campo axiol \acute{o} gico.

Posto isto, optei por direcionar o foco para uma pesquisa qualitativa, enquanto paradigma, tomando sua escolha sob um foco ontol \acute{o} gico e axiol \acute{o} gico, assim, consciente de que ao interpretar o mundo sob as cores dessas perspectivas, o texto estar \acute{a} , sem d \acute{u} vida, envolvido pelas dimens \hat{o} es filos \acute{o} ficas b \acute{a} sicas deste modelo (Glesne, 1999). Cabe aqui um agradecimento especial ao Professor Paulo Andr \acute{e} Parente, que foi um dos meus Orientadores no decorrer da elabora \hat{c} o deste trabalho. Logo no in \acute{i} cio, quando da apresenta \hat{c} o do projeto de pesquisa que ora me propus a desenvolver, o Professor Paulo Andr \acute{e} , com seu olhar altamente capacitado, sugeriu-me realizar uma abordagem mais qualitativa na condu \hat{c} o da pesquisa. Interessante pontuar tamb \acute{e} m que, numa das visitas que fiz \acute{a} Se \hat{c} o de Arquivo

Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista (e também em algumas conversas telefônicas), o Capitão QAO Gonçalves fez a mim sugestão semelhante. Nas próximas linhas, pretendo explicitar o porquê de eu ter “abraçado essa missão” como me fora sugerido pelo Professor Paulo André e pelo Capitão Gonçalves, além de outras informações bastante pertinentes dos rumos metodológicos que decidi empreender para conceber o presente estudo.

Os métodos qualitativos são geralmente embasados pelo paradigma interpretativista, que busca compreender um mundo onde a realidade é construída socialmente, complexa e constantemente mutante. Para os interpretativistas as realidades sociais são construídas por seus participantes em seus enquadres sociais (Guba e Lyncoln, 1994). A fim de entenderem a natureza dessas realidades construídas socialmente, os pesquisadores interpretativistas interagem e conversam com os participantes de tal realidade a respeito de suas próprias percepções, sem tentar equacionar ou generalizar essas percepções e normatizá-las (Silverman, 2001).

A tarefa de pesquisa de um interpretativista consiste em entender e interpretar como os diferentes participantes de uma dada realidade constroem significados para o mundo que habitam. Aqui o pesquisador torna-se o principal instrumento de pesquisa ao observar, fazer perguntas e interagir com os participantes estudados. O que não pode escapar ao investigador é que seu tema central será sempre a vida humana, a experiência humana da existência (Bruno, 2010) e as construções socioculturais e socioespaciais associadas a essas vidas e experiências.

Face às características permeável e flexível do paradigma associado às pesquisas qualitativas, não devemos, todavia, entendê-la como uma trilha sem rumo certo. A tarefa de estudar traços culturais e visões de mundo de determinados grupos sociais, descrevendo-os para entender seus significados, não é simples, pois não existe nada mais complexo que tematizar sobre propósitos manifestos dos comportamentos humanos. Não obstante, a validade de suas conquistas encontra-se na coerência com que realiza a busca dos significados que determinadas condutas e organismos têm para os indivíduos afetados direta ou indiretamente em suas decisões e em suas vidas (Triviños, 1987). Esta preocupação é condição fundamental para que a pesquisa qualitativa assuma seu caráter científico. Tal caráter científico é obtido ainda através de estratégias disciplinadas, conscientes e metódicas para produzir dados. Dentre essas estratégias, destacam-se aquelas igualmente utilizadas pelos diferentes ramos da pesquisa interpretativista: estratégias de observação participativa, entrevistas, estratégias de observação não-participativa e estratégias de arquivo. O campo das entrevistas, por exemplo, inclui estratégias como narrativas, biografias etc.

Memória e identidade são categorias centrais nas teorias das ciências humanas e sociais, sendo operacionalizadas em reflexões de diferentes áreas e campos disciplinares. Hoje, parece que se organiza o esboço de um consenso em torno da noção de que o lugar da memória é aquele da produção de subjetividades, da construção de identificações. Meu objetivo é o de tratar a memória como uma discursividade, bem como o tratamento teórico dado a ela. Ressalto que estou tratando de “discursos”, não como conjunto de signos remetido a um conteúdo ou a uma representação, mas como prática que forma os objetos dos quais fala (Foucault, 1986).

Portanto, não é minha intenção procurar nos processos de rememoração uma revelação e nem descobrir neles um fundamento, mas tomar as memórias como uma positividade, elas próprias como um acontecimento. E é tal acontecimento que me interessa discutir, dialogando com as fontes documentais que consegui obter. Aliás, cabe aqui pontuar que, inicialmente, tinha em mente uma pesquisa mais “positivista” e tradicional nessa aventura historiográfica que ora realizo (sou graduado em Geografia e possuo uma Especialização em Sociologia Urbana, disciplinas cujas metodologias até se assemelham entre si, mas que diferem bastante da História e, confesso, senti alguma dificuldade de adaptação no início dos trabalhos). Entretanto, tive que “reajustar as velas do meu navio” no decorrer dos trabalhos, pois percebi, em campo, durante as várias visitas que fiz a Organizações Militares paraquedistas, que teria enormes dificuldades em pesquisar apenas sob uma base documental com vistas a buscar as respostas a que me propus com o desenvolvimento da presente pesquisa.

Não tive a expectativa de que as memórias, construídas no jogo de perguntas e respostas, desvelassem para mim uma realidade indiscutível como fontes de pesquisa, pois tenho a exata noção de que elas, muitas vezes, podem fabricar verdades e são mecanismos repletos de intenções e estratégias. Cabe ressaltar que, em hipótese alguma, há dúvida ou juízo de valor às informações obtidas durante as entrevistas. No entanto, as memórias apresentam uma perspectiva de dados contextos, não sendo, necessariamente, a verdade nua e crua, mas um dos muitos olhares possíveis sobre determinados acontecimentos. Por isso, como mencionado, a idéia era a de cruzar as informações obtidas oralmente, por intermédio das entrevistas que pude realizar, com as escassas fontes documentais que consegui coletar no decorrer da pesquisa. A questão não era a de procurar a versão mais verdadeira, nunca foi a de buscar nas fontes obtidas durante as conversas com alguns integrantes e ex-integrantes da Brigada de Infantaria Paraquedista alguma pista do que aconteceu na realidade. Entendi que as memórias a que pude acessar e anexar à pesquisa, as quais tratei metodologicamente como

discursos/práticas, são percepções da realidade a serem comparadas entre si e também com os registros documentais obtidos por mim.

Discurso e prática são, neste caso específico, metodologicamente a mesma coisa. Afinal, estou entendendo que nada existe na forma pré-discursiva, não há um discurso anterior, uma metafísica que defina o que aconteceu ou quem é o indivíduo que rememora. Afinal, estou tratando o texto produzido durante as conversas como uma perspectiva de determinado acontecimento. Essa questão metodológica condiciona a investigação empírica e foi uma escolha realizada, como dito, para dar conta do desafio que ora me propus a enfrentar e a superar.

A tradição oral, a oralidade, é um objeto teórico constitutivo do arcabouço teórico da Antropologia e é um meio de interpretação das culturas abordadas. A Etnografia, metodologia descritiva e analítica utilizada por praticantes da Antropologia Cultural, constitui-se de observação participante, que consiste em um método para elaborar um discurso sobre um grupo cultural, ou espaço particular, ou um problema social, possível pelo envolvimento do pesquisador no universo proposto para a pesquisa, e de momentos de descrição e análise da experiência de observação, posicionando aquilo que foi interpretado dentro de um contexto cultural mais amplo. Clifford Geertz (1988) trata esses momentos como etapas da investigação: o *being there* (estar no campo) se articula com o *being here* (estar no contexto dos saberes universitários escrevendo sobre a experiência). A interpretação da experiência de observação é sempre balizada pelas categorias constitutivas da disciplina e controlada pela comunidade de pares. O trabalho etnográfico, que é feito com um olhar sensibilizado e instrumentalizado pela teoria, pode também incluir um roteiro de perguntas dirigidas às pessoas que compõem o grupo em estudo, que podem ser feitas tanto por meio de entrevistas formais quanto por conversas informais. A entrevista é, portanto, um ouvir especial, um encontro de idiomas culturais, um lugar compartilhado. No caso específico desta pesquisa, a opção feita foi por conversas informais, a fim de deixar os entrevistados mais à vontade, visto que muitos, num primeiro momento, ficaram receosos com a minha condição de “paisano da Universidade”. Ao longo dos trabalhos, quando souberam que eu havia servido na tropa paraquedista por mais de 10 anos, a conversa ficou mais informal. Mesmo assim, a opção pelas conversas informais foi mantida, uma vez que pude notar que seria mais frutífera para o desenrolar da pesquisa em sua etapa de coleta de dados.

No pós-guerra, Claude Lévi-Strauss, lido e citado por praticantes de várias áreas do conhecimento, colocou-se como autor de referência no que tange à abordagem estruturalista. Mas foi nos anos 1970, com a publicação em 1973 de “A interpretação das culturas”, por

Clifford Geertz, que historiadores incorporaram amplamente perspectivas antropológicas em suas produções. Geertz, afinado com a discussão pós-estruturalista e, ao mesmo tempo, informando-a, propôs uma abordagem interpretativa ao mostrar as dificuldades da pesquisa etnográfica em conseguir uma descrição adequada/objetiva da realidade.

No que se refere à História, é importante traçar um breve panorama do contexto em que esse campo do saber se estabeleceu como disciplina autônoma com pretensões científicas no século XIX para que possa melhor justificar o porquê da minha escolha metodológica a partir desse entrecruzamento com estratégias de coletas de dados caras à Antropologia. Aquele foi o tempo (século XIX) dos processos de consolidação dos Estados Nacionais e alicerçar uma narrativa fidedigna que comprovasse e reforçasse os laços de identidade entre os habitantes das nações, com base em uma presumida origem comum, tornou-se uma questão historiográfica. Se os precursores mais remotos do conhecimento histórico ocidental, como os gregos Heródoto e Tucídides, faziam da oralidade sua ferramenta e fonte, no século XIX firmou-se a exigência de uma História ancorada em provas documentais. Mas, desde ao menos o final da década de 1920, essa exigência tem sido contestada. Aquela história positivista, linear e atenta quase que exclusivamente a personagens públicos da vida política, preocupada com uma verdade única e comprovada, levada ao palco por Leopold von Ranke, não encontra mais espaço na historiografia contemporânea. Nos anos 1920, Lucian Febvre e Marc Bloch, entusiasmados com as novidades da Antropologia, anunciaram uma perspectiva historiográfica informada por métodos e conceitualizações emprestados de outros campos disciplinares: a Escola dos Annales. A proposta desse movimento era de colaboração interdisciplinar, o que nos faz notar que as fronteiras disciplinares não são assim tão policiadas como a lógica departamental universitária às vezes nos faz pensar. Nos anos 1960, uma geração de praticantes da História, afinada com a perspectiva dos Annales, agregou amplamente os estudos de outras disciplinas em seus trabalhos: Michele Perrot, Jacques Revel, Jacques Le Goff, Arlete Farge, Philippe Ariès, Jean Delumeau, George Duby (influenciado por Marcel Mauss e Malinowski) etc. Essa geração abriu as possibilidades daquilo que se convencionou chamar “viragem antropológica”, perspectiva historiográfica que se colocava contra o determinismo e dava ênfase às construções culturais, incorporando teorias de autores de outras áreas disciplinares, como Michel de Certeau, Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Michel Foucault (teorias do sujeito), Paul Ricoeur (todas as obras são narrativas), Pierre Nora (história da memória) etc. Houve quem chamasse seus trabalhos de “antropologia histórica” ou “etno-história”. Afinal, a Antropologia, a partir de sua rica tradição etnográfica, forneceu aos praticantes da História novos métodos e técnicas de

trabalho, assim como conceitos, temáticas e problemas de estudo. Ao passo que os *Annales* se anunciaram como uma escola historiográfica de abordagem interdisciplinar, acabaram também expandindo teorias e conceitos da História para diversas outras áreas, como, por exemplo, a noção de duração, a ideia de que não há memória sem temporalidade e o próprio conceito de historicidade. Nesse contexto de tráfego de teorias, historiadores acabaram formulando a possibilidade de pensar novas fontes para a História para além de fontes documentais/escritas, abrindo espaço para o retorno da oralidade e da narrativa. A questão da oralidade, portanto, ultrapassou o campo específico da Antropologia e é agora objeto de outras disciplinas, como é o caso da História Oral. Esse ramo da pesquisa historiográfica é um campo que se propôs originalmente como interdisciplinar, pois articula análises da oralidade amparada nos arcabouços teóricos da História, da Literatura, da Antropologia, da Linguística, da Psicanálise. A partir da técnica da entrevista, a História Oral se configurou como metodologia propositora de um novo entendimento acerca da memória como fonte histórica, mostrou as diversas temporalidades que destroem a linha do tempo política, colocou em evidência o tempo subjetivo. Não se trata simplesmente da transcrição da entrevista gravada, nem de uma pretensão exclusiva de formar arquivos orais, mas de uma produção de conhecimento histórico com todos os cuidados dispensados a qualquer outra fonte. A ideia central no campo da História Oral é dotar a memória de historicidade, mostrar que ela é possível num dado contexto em que é provocada. Há algum tempo que a proposta de que a memória poderia revelar ou desvelar o real foi abandonada, pois uma análise da memória implica considerar que as memórias são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas. Há quem tenha falado em “história participativa”, talvez em alusão ao método antropológico da “observação participante”, pois se admite amplamente que a significação da memória é de certa forma provocada pelo pesquisador que pergunta. Alinhado a essa noção, Alessandro Portelli (2010) propõe que entendamos o texto resultante do encontro entre perguntador e perguntado como um trabalho em co-autoria. Um outro argumento que evidencia o fato de que a História Oral é muito mais que uma decisão técnica ou um procedimento é que ela estabelece uma relação original entre o historiador e o sujeito da História, demonstrando, e de maneira muito convincente, que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração por parte do historiador: a História é construção. Portanto, não se trata, nesse campo, de uma renúncia às exigências teóricas, visto que há rigor teórico e metodológico na História Oral. Se esse método historiográfico se constituiu por confluência multidisciplinar, isso foi possível dentro de uma tradição da historiografia que já vinha se desenvolvendo no debate com outras disciplinas. Há muito que a História contempla questões

culturais e simbólicas e partilha interesses sobre a formação de identidades coletivas nos grupos humanos, temáticas essas originais dos estudos antropológicos.

Aqui, aproveito para justificar o olhar que emprestei à etapa desta pesquisa relacionada àqueles paraquedistas militares que têm seus nomes eternizados no Bosque dos Campeões. Entendi que seria uma forma de incluir minhas próprias memórias nos casos específicos por mim relatados. Seria uma forma de construir laços com a metodologia escolhida para desenvolver a presente pesquisa, haja vista que fui testemunha dos acontecimentos mencionados diretamente falando ou conheci membros que tombaram em atos de serviço e passaram a ter seus nomes eternamente homenageados pela tropa paraquedista naquele espaço que por ela é considerado sagrado. Aliás, aproveitando a menção ao conceito geográfico de espaço e pelo que fora desenvolvido no parágrafo anterior, no que tange à interdisciplinaridade proposta pela Escola dos Annales, geograficamente, demarco simbolicamente o espaço da Geografia, que, desde já, sugiro que seja mais considerada em estudos historiográficos futuros para além das já bastante difundidas pesquisas voltadas à Cartografia Histórica.

O interesse pela oralidade, revivido pela Antropologia e reapropriado pela História, trouxe novas possibilidades para explorar experiências de pessoas comuns e acontecimentos da vida privada. A fonte oral se apresenta, portanto, duplamente armada: oferece a chance de transitar por domínios entendidos como privados, particulares, considerados irrelevantes para a esfera pública e, mais ainda, permite visitar percursos de rememoração da experiência de constituição do sujeito por ele mesmo.

Mas não senti que seja minha obrigação transformar a transcrição da entrevista em um documento acabado, assim como não tive intenção de escrever algo que pareça um romance policial ou um relatório do que vi e escutei. Tampouco é meu trabalho fazer uma espécie de psicanálise circunstancial. O que pude fazer foi procurar, nas minhas fontes, formas de produção de subjetividade, maneiras de interpretar o que me foi dito, considerando que aquilo pôde ser falado dentro de um contexto criado através da proposição da entrevista. Analisar o texto sabendo que sou também responsável pela produção e significação daquela memória. Se rememorar é um processo, meu trabalho é procurar nas memórias da experiência como a pessoa que conversou comigo jogou com a cultura e produziu a si própria na relação com o “outro”, tornando dizíveis processos de constituição de si e suas perspectivas diante do objeto em questão. Não se trata de uma retirada de informações, mas de interpretar como as pessoas que me falaram reconstruíram a própria subjetividade, como perceberam a si próprias, quais as suas perspectivas em relação aos ambientes em que esteve inserida e como percebeu o

olhar do “outro”. Isto é, como se formula a partir de identificações, como elas entenderam o modo como se tornaram o que são e os aspectos que as conduziram a enxergar o Bosque dos Campeões da maneira como me apresentaram durante as entrevistas que com elas realizei.

Novos paradigmas disciplinares me têm feito abandonar a ideia de neutralidade, de um objetivismo racional, de um conhecimento essencial a ser alcançado, de informações puras prontas para serem recolhidas. Dificilmente poderia sustentar, hoje, que o pesquisador bem treinado e promissor é aquele que não compartilha significados culturais com o grupo em estudo, mantendo um distanciamento total do objeto de pesquisa. Afinal, trata-se de textualizar uma cultura sem intenção (pois que estamos conscientes da impossibilidade) de alcançar uma interpretação objetiva/objetivista. Também no campo da História se abriram possibilidades inusitadas. O relativo sucesso daquilo que se convencionou chamar “História do Tempo Presente”, em jogo com as metodologias da História Oral, apresenta-se exemplarmente como um anúncio de que abandonamos a ideia de que para se fazer História é preciso olhar de longe. Com isso, não quero nem mesmo insinuar que este trabalho se assemelhe ao esforço daqueles que se dedicam às artes literárias, ofício esse para quem possui criatividade extraordinária, pois que é desprendido de regras cognitivas severas como as que estamos submetidos dentro das malhas de saber acadêmico.²⁷

Concluindo esta etapa que, espero, tenha sido eloquente o suficiente para deixar claro não apenas o porquê das escolhas metodológicas que fiz, mas também os eixos temáticos que me esforçarei para associar mais adiante, a fim de propor uma interpretação coerente, coesa e consistente daquilo que me propus a investigar na pesquisa que ora desenvolvo. Tenho muita confiança de que o método definido para este trabalho, mesclando as informações documentais – mesmo que escassas – com as fartas colaborações provenientes das memórias, oralmente divididas comigo, de paraquedistas militares de diferentes épocas, serão vitais no esforço para dar conta da questão que pretendo responder com a presente pesquisa.

4. Análise dos dados

“From this day to the ending of the World. We in it shall be remembered. We band of brothers”.

*Henrique V (William Shakespeare)*²⁸

Há um forte simbolismo nas obras erguidas em homenagem aos mortos, nas manifestações de luto e nas formas de rememoração dos caídos, sendo todas essas ações

²⁷ VENSON, A.M. & PEDRO, J.M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia.

IN: < <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=261> >. Acesso em: 30 abr. 2017)

²⁸ AMBROSE, S.E. *Band of Brothers: Companhia de Heróis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

influenciadas por diversos fatores. Dentre eles, no caso específico deste estudo, a cultura pré-existente da tropa paraquedista em relação aos seus mortos em missão, um senso de coesão que reforça poderosamente os laços de sociabilidade existentes entre os integrantes da tropa e as necessidades psicológicas dos que perderam seus companheiros parecem ter sido cruciais para que houvesse a iniciativa de construção do Bosque dos Campeões. Não tive registros documentais nem tampouco consegui obter essa informação a partir das entrevistas que conduzi, mas há fortes indícios de que havia no seio daquela Brigada de Infantaria Paraquedista em formação – à época, ainda denominada Núcleo da Divisão Aeroterrestre – um forte desejo coletivo de homenagear significativamente os seus vários mortos em atos de serviço, sendo a maior parte em acidentes durante saltos de aeronave militar em voo (oito militares mortos em incidentes nos saltos entre 1950 e 1957). Essa busca pelos motivos que levaram o então Coronel Santa Rosa a iniciar a construção desse espaço tão singular e relevante para os paraquedistas militares de todos os tempos poderia ser um excelente tema para pesquisas futuras. Fica aqui a minha humilde sugestão.

A historiografia que debate a questão de como a sociedade se relaciona com a finitude da vida e com o tratamento que dispensa aos seus mortos revela aspectos da própria concepção de História e de como os mais variados grupos sociais lidam com isso. Para o historiador Jacques Le Goff, uma dessas formas seria caracterizada pelo monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de determinados grupos sociais no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte.²⁹

Michel Vovelle³⁰ entende os monumentos modernos funerários a partir da tendência dos mesmos no sentido da democratização e funcionalização da representação da morte para os interesses dos vivos. Enquanto o período entre guerras assistiu o fenômeno da proliferação de monumentos aos mortos na Primeira Guerra Mundial, o Brasil não vivenciou esta experiência diretamente. No que tange aos monumentos que reverenciam os mortos na Segunda Guerra Mundial, há um caráter que, concomitantemente, exalta o sacrifício desses caídos pela pátria, mas que também tem em si a defesa de valores pacifistas como que deixando um registro às gerações futuras para que busquem ao máximo evitar os horrores daquele grande conflito mundial. Uma das mais significativas características do Bosque dos Campeões é exatamente pelo fato de que, num contexto sociocultural, em escala nacional, que visava à rememoração dos mortos como heróis da pátria, em grandes espaços públicos

²⁹ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992, p.535-553.

³⁰ VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987.

projetados para esse fim (por exemplo, o Monumento aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, foi inaugurado um pouco depois do Bosque dos Campeões, em 1960), os paraquedistas militares brasileiros, ainda construindo sua Grande Unidade, tomaram a iniciativa de construir um simbólico espaço para reverenciar seus companheiros falecidos em atos de serviço quando a tropa nem mesmo tinha uma casa para chamar de sua. Afinal, apenas a Escola de Paraquedistas possuía instalações razoáveis durante a década de 1950, ficando o Comando do NuDAet e a Infantaria Paraquedista com o espaço anteriormente ocupado pelo famoso “Dois de Ouro”, o histórico Regimento Avaí, na Avenida Duque de Caxias, na Vila Militar do Rio de Janeiro por cinco anos, a partir de 1952. Somente em 1957, o QG do NuDAet foi inaugurado (ao lado da Escola de Paraquedistas, atual CI Pqdt GPB) e o Regimento Santos Dumont, lar da Infantaria Aeroterrestre, finalmente ocupou as instalações, ainda precárias, junto ao Arroio dos Afonsos, limite geográfico entre a área ocupada pela tropa paraquedista do Exército Brasileiro e a Base Aérea dos Afonsos (BAAF), da Força Aérea Brasileira.

Essa relação do presente com o passado por meio de um monumento voltado à homenagem e rememoração dos militares paraquedistas mortos em atos de serviço é marcada pela mediação da afetividade e da emoção. Certos momentos históricos permitem que determinadas lembranças sejam acionadas, como define Françoise Choay³¹. A percepção de sacrifício em prol de uma causa justa está relacionada às cerimônias públicas que pretendem consolar os atingidos pela perda de seus entes queridos numa guerra. No caso específico do Bosque dos Campeões, como mencionado anteriormente neste trabalho, há um evento anual denominado “Dia dos Heróis”, que desde 2009 ocorre no dia 11 de novembro, coincidindo com o “Dia Mundial dos Veteranos”, sendo este um exemplo claro do que Hobsbawn³² classificou de “tradição inventada”, lembrando que Castro³³ desenvolveu interessante estudo sobre as “invenções de tradições” do Exército Brasileiro ao longo da sua História. Cabe pontuar que os citados pesquisadores não deram tratamento pejorativo ao termo “invenção”. Isto é, semanticamente, “invenção” não estaria relacionada à mentira ou engodo, mas a um recurso utilizado por instituições para reforçar determinadas posturas e comportamentos socioculturais que acreditavam ser importantes para seu próprio fortalecimento ao longo dos anos vindouros.

³¹ CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*, São Paulo: UNESP, 2001, p.18.

³² HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. IN: HOBBSAWM, E; RANGER, T (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

³³ CASTRO, C. *A Invenção do Exército Brasileiro*. Coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

O culto aos mortos faz parte desse rito de passagem, em que três fases podem ser identificadas. A separação, a margem e a incorporação³⁴. Enquanto a separação do indivíduo do mundo dos vivos é realizada com o seu sepultamento, o rito agregador desse militar ao mundo dos mortos e, correspondentemente, sua identificação com a figura do herói, ocorre nas cerimônias públicas de rememoração (Dia do Herói). No caso do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista, essa relação se faz em torno da coletividade, uma das mais fortes características dos militares em geral, mas que ganha contornos ainda mais poderosos e consistentes no âmbito da tropa paraquedista em função das próprias peculiaridades dos militares que a compõem, conforme descrito no decorrer desta pesquisa. São os heróis aeroterrestres brasileiros que são celebrados nas citadas cerimônias. Helenice Rodrigues, em seus estudos sobre rememoração e comemoração como elementos socialmente utilizados na e para a memória, disse que a memória coletiva

encontra-se nesse processo de "rememoração" social, cuja função é justamente a de impedir o próprio esquecimento. Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal³⁵.

Koselleck, em seu artigo sobre os monumentos modernos aos mortos, estabelece a ligação morte-identidade-memória³⁶. Dessa forma, a característica mais marcante desses monumentos seria a funcionalização dos mesmos a favor dos vivos. Nesse sentido, a instituição militar arregimenta os corpos dos militares mortos para suas próprias práticas simbólicas, como no caso do citado Monumento dos Mortos na Segunda Guerra Mundial. No caso específico do Bosque dos Campeões, não há corpos sepultados no espaço. No entanto, seu significado para os vivos está diretamente relacionado à preservação da memória dos paraquedistas militares mortos em atos de serviço. Somando isso às diversas manifestações de respeito por esse espaço e pelo que ele representa, temos um processo que alimenta constantemente a mística paraquedista, especialmente nas unidades de Infantaria dessa tropa, em especial no 25º BI Pqdt, conforme veremos de forma mais aprofundada adiante.

A ideia de que o tempo presente em que vivemos parece estar acelerado, faz com que a memória seja valorizada, segundo o historiador Pierre Nora. No seu texto clássico sobre os

³⁴ GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.

³⁵ SILVA, Helenice Rodrigues. "**Rememoração**"/**comemoração**: as utilizações sociais da memória". Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008> Acessado em: 22/02/2017.

³⁶ KOSELLECK, R. Os monumentos aos mortos, lugares de fundação da identidade dos sobreviventes. IN: Na Experiência da História. Seuil-Gallimard, 1997.

lugares de memória, Nora faz a distinção entre o ato de lembrar e o ato de historicizar. Enquanto o lembrar estaria ligado ao próprio ato que o cria, não o vinculando à experiência vivida, esta seria a ênfase dada pelo ato de narrar o acontecimento histórico.

Cemitérios, mausoléus e monumentos fúnebres aparecem desta forma, como lugares de memória. Como local onde a “memória” será colocada, estes espaços em que a morte é rememorada são inventariados pela história.

Nora identifica, nas relações com os lugares de memória, a articulação entre o respeito ao passado – real ou imaginário – e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; também observa a articulação entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade, ou seja, entre a memória e a identidade. No caso do Bosque dos Campeões, nota-se que essa memória foi construída e é preservada em prol de uma mensagem à tropa paraquedista de que a morte é uma possibilidade sempre próxima nas lides aeroterrestres e que o constante adestramento e o respeito aos procedimentos desenvolvidos ao longo de mais de 70 anos de paraquedismo militar no Brasil têm importância preponderante para resguardar a segurança de todos durante as missões a serem cumpridas. Aqui, outro interessante tema a ser futuramente investigado: as diferentes relações que os militares paraquedistas mantêm com os dois lugares mais marcantes para a tropa. Refiro-me à Área de Estágios, onde todos os paraquedistas militares brasileiros são formados, e ao Bosque dos Campeões, espaço onde nenhum paraquedista militar servindo na tropa quer ser homenageado, mas que é profundamente respeitado por todos os paraquedistas militares brasileiros de todas as épocas. Ponto que não há qualquer contradição nesse duplo sentir de respeitar profundamente o espaço e seu significado com o desejo de dele não tomar parte. É exatamente por isso que o Bosque dos Campeões é tão especial, pois ele demonstra que a morte é próxima dos combatentes aeroterrestres e que, se o pior algum dia vier a acontecer, o sacrifício será eternamente enaltecido pela tropa.

Nessa linha de análise, o historiador alemão Rüsen distingue algumas formas de relacionamento com o passado na vida social. Distinta da consciência histórica, a memória histórica, relacionamento imediato entre passado e presente, é uma força da mente humana dada às utilizações práticas. Em seus três níveis (comunicativa, coletiva ou cultural), a memória histórica ocupa-se basicamente das formas de permanência do passado no presente, como os monumentos e os significados a eles atribuídos pelos grupos sociais que os têm como referencial espacialmente materializado para a rememoração. O nível da memória cultural representa o mais alto grau de estabilidade da identidade histórica, pura

institucionalização da permanência e da unicidade de um sistema vigente construído, preservado e propagado por um grupo social como a tropa paraquedista.

Gentilmente cedido pela Seção de Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista, por intermédio do Capitão Gonçalves, reproduzo agora dois trechos de entrevistas antigas realizadas pelo projeto “História Oral da Brigada de Infantaria Paraquedista”. Esse projeto, conduzido pela equipe do Museu Aeroterrestre, tinha como meta registrar para a posteridade os relatos de vários dos pioneiros do paraquedismo militar brasileiro e de outros nomes importantes na história dessa tropa. Dentre dezenas de entrevistas, dois trechos me chamaram bastante atenção por serem relatos presenciais do primeiro evento fatal nas atividades aeroterrestres brasileiras, que vitimou o Soldado Roberto Fernandes da Costa. Esse Soldado estava realizando seus saltos de qualificação para vir a se tornar um paraquedista militar, tendo concluído com aproveitamento o Estágio Básico Paraquedista de 1950. O General Newton Lisboa Lemos é uma verdadeira lenda entre os paraquedistas militares brasileiros, além de ter sido integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e um dos pioneiros a realizar o curso de formação paraquedista, em Fort Benning, nos Estados Unidos, em 1945. É dele a letra da canção “Eterno Herói” que se tornou uma espécie de hino dos paraquedistas militares brasileiros. Segue o relato dele sobre o que presenciou na primeira morte de um paraquedista brasileiro em atividade militar aeroterrestre:

“É, realmente estava. Eu presenciei, lamentavelmente, o primeiro acidente ocorrido no pára-quedismo militar, que resultou numa morte. Eu era diretor do Curso Básico em 1950 e fazia parte desse curso como aluno, o Soldado Roberto Fernandes da Costa. Ele fez o curso, vinha fazendo o curso, e como era de praxe no curso, a terceira semana, da terceira semana fazia parte um vôo, que era de adaptação. Isso tendo em vista que os soldados que nós recebíamos não tinham nenhum contato com avião, então para evitar que ele fizesse esse contato na hora do salto, proporcionava-se um vôo de adaptação, que era a última instrução do estágio C. Na sexta-feira do estágio C fazia-se esse vôo. Colocava-se a turma toda no avião totalmente equipada, com dois pára-quedas, o principal e o reserva, como se ele fosse saltar. E, antes do vôo, eu me reuni com os pilotos para acertar e dizer qual era a finalidade do vôo, explicar a eles do que se tratava, e eu pedi que eles fizessem um vôo planado e evitasse voar sobre água. Voar só sobre terra. Dado que cada um ia chegar à porta do avião. E, depois da revista geral de todos, dos pára-quedas, de tudo. Tudo como se fosse para saltar. O vôo corria normalmente e, um a um, ia a porta. De um lado eu ficava e do outro meu auxiliar, que era o então Sargento Scepaniuk. Até que chegou a vez do Soldado Roberto, que era o último, era o último. Detalhe: o vôo foi pela manhã. E quando o aluno chegava a porta, dava-se o comando para ele, e ele chegava a porta e enganchava. E tomava posição como se fosse para saltar. E nós ficávamos conversando com ele, sentindo as reações de cada um. Perguntando se ele saltaria e tal, se fosse a hora de saltar se ele saltava...e assim foi... o Roberto tomou a posição de saltar e, como eu disse ele estava um pouco agitado, estava um pouco nervoso.

Quando... o Scepaniuk tomava conta do gancho e nós segurávamos, um de um lado o outro do outro. Quando eu disse “pode sair” e bati no braço dele “pode sair”, ele saiu muito bruscamente. É provável que nesse movimento de saída da porta ele tenha batido com o braço violentamente no punho de abertura do pára-quedas reserva. Sei que o pára-quedas inesperadamente se abriu e com o vento... o avião era o C-47... tinha muito vento da hélice para fora e o vento puxou o pára-quedas para fora do avião. Ele conseguiu ainda se segurar na porta do avião e ficou com o corpo quase todo para o lado de fora se segurando. E nós tentando trazê-lo novamente para dentro do avião. Não se conseguiu. Sei que de repente ele foi arrancado dali. Não tinha forças para isso. E o Scepaniuk, que já tinha desenganchado ele, enrolou a tira de abertura do pára-quedas no braço e ele saiu. Imediatamente nós ficamos olhando, ele estava descendo com os dois pára-quedas abertos, os dois pára-quedas abertos. Abriu o reserva e tendo o Scepaniuk segurando a fita de abertura, conseguiu abrir o principal. Eu corri ao piloto e disse o que tinha ocorrido: “acabou de cair um homem. Vamos voltar”. Ele fez a manobra, voltou, e ele ainda vinha no ar com os dois pára-quedas abertos. Um detalhe: ali nós estávamos rodeando, já estávamos voando sobre a água, na Baía de Guanabara. Era coisa de metade do dia, meio-dia, por aí assim. Ali, naquela ocasião, isso foi em 1950, tinham várias colônias de pescadores, mas que na ocasião, provavelmente estavam almoçando, não tinha nenhuma embarcação ali. A Baía estava vazia. Então o piloto novamente voltou, foi adiante, voltou e nós... ele já estava na água, já estava boiando, estava na água boiando, com os dois pára-quedas ainda flutuando. Nós jogamos uma bolsa, bolsa de guardar pára-quedas, bolsa de lona, botamos uns objetos ali dentro para ver se aquilo podia servir de bóia para ele. Bem... recurso do momento. E ficamos voando ali quando ele desapareceu, desapareceu na água. Nós não tínhamos outro recurso. Soubemos depois que ele era um exímio nadador mas não se desvencilhou... a brutalidade do choque deve ter perturbado muito e ele não teve idéia do que fazer. E lamentavelmente perdemos um companheiro, que depois teve o seu corpo encontrado.”

Agora, mais um relato do que houve naquele dia 15 de setembro de 1950. Testemunha ocular do acontecimento, o Capitão Itacolomi, paraquedista militar, precursor paraquedista e comandos, descreve a sua perspectiva do que ocorreu:

“Antes a gente saltava de T-7, cada salto era um pedaço da orelha da gente que ia embora. Ele não ajustava bem, então os tirantes subiam e a gente estava sempre com a orelha cortada, e doía pra chuchu. Ou então o pescoço arranhado. Para explicar em casa pra esposa era mais difícil. Apareceu o T-10. T-10 feito no Brasil. T-10 nasceu no Brasil. Então existia aqui um engenheiro alemão, o Buss, que ele viu a planta do T-10. Deixaram que ele levasse aos Estados Unidos e ele passou do portão com o pára-quedas e ele foi feito aqui no Brasil no hoje Batalhão DoMPSA, o T-10. Não sei se alguém já contou isso para você, mas eu estou relatando isso, fui testemunha disso. O alemão foi-se embora, levou a planta e veio de volta o T-10. Mas veio incompleto porque num belo dia, num dos saltos nossos aqui, um gancho abriu. Mas não abriu espontaneamente. O soldado (Roberto Fernandes da Costa), com medo de saltar, levantou o gancho. Como já tinha sido dado o “já” ninguém viu, então aquele pára-quedas não abriu. O Sargento Scepaniuk, um dos grandes pioneiros nossos, consta até em nossos anais, ele idealizou um gancho, que se chama

Scepaniuk em função do Scepaniuk. Coisa simples. Prendia-se um pedaço de nylon, fecha um buraco em cada gancho, depois que o camarada enganchasse era introduzido o pino, não tinha como desenganchar. Quer dizer, acabou o problema da morte. E outros projetos foram feitos aqui que a modéstia da gente não mostra. E eu conversava ainda há pouco com esse menino, com esse soldadinho, já falei até para o Coronel Rogério, a gente tem que aproveitar os veteranos para gravar, não vou dizer imagem, mas pelo menos som. Se não tem o gravador, pede para o companheiro comprar uma fita e grava uma história que ninguém sabe, por exemplo. Eu tenho quase que certeza, sem nenhuma modéstia, que isso que eu estou dizendo para você aqui, agora, pouca gente relatou. Porque pouca gente teve essa percepção, essa oportunidade de ver isso tudo acontecer”.

Nesse contexto, início da década de 1950, era o início das atividades aeroterrestres no Brasil. A Brigada de Infantaria Paraquedista se resumia, naquele tempo, à Escola de Paraquedistas e sua Área de Estágios em construção. Havia uma Companhia de Infantaria Aeroterrestre que seria o embrião para a infantaria paraquedista brasileira nessa escola. Somente em maio de 1957, segundo relato do Capitão Gonçalves, Chefe da Seção de Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista, é que o Regimento Santos Dumont, organização militar que à época reunia toda a infantaria paraquedista, passou a ter casa nova no já mencionado Arroio dos Afonsos. É sintomático que, tão logo tivesse sua casa definitiva, a infantaria paraquedista tomasse a iniciativa de rapidamente construir um monumento aos seus mortos em atos de serviço. É altamente significativo porque não havia naquele tempo nem mesmo instalações adequadas para alojar a tropa com algum conforto. Mas já havia a chama por erguer um lugar com a finalidade de cultuar os paraquedistas militares que foram, como costumam dizer os integrantes dessa tropa, “saltar na ZL da eternidade”. Numa época em que o paradigma era a construção de memoriais alusivos aos mortos em combate, que contribuíssem para o fortalecimento de uma identidade nacional, eis que os paraquedistas militares brasileiros reforçam seus laços de coesão e de construção da sua própria identidade, a tão cultuada e propagada “mística paraquedista”, a partir de um monumento mortuário de rememoração e solidariedade aos seus companheiros que tombaram em missão.

Ao longo dos anos, houve vários registros fotográficos de diferentes frações da infantaria paraquedista, estabelecidas no então Regimento Santos Dumont, que faziam questão de posar diante do pórtico do Bosque dos Campeões (ou no seu interior) em fotos anuais, em momentos relacionados à comemoração por vitórias diversas em competições desportivas ou, simplesmente, como forma de registrar algum momento de relevância, no nível pessoal, para a carreira de algum militar. Esse tipo de escolha me remete a analisar outro

interessante aspecto associado ao Bosque dos Campeões: os distintos significados socioespaciais concomitantes atribuídos a esse lugar a partir de diferentes perspectivas.

Quando foi inaugurado pelo então Coronel Santa Rosa no dia 21 de maio de 1958, não obstante as razões que o levaram a se esforçar para construir esse espaço, no contexto em que se encontrava a infantaria paraquedista à época, conforme já mencionado nesta pesquisa, o Bosque dos Campeões foi uma iniciativa do comando do então Regimento Santos Dumont. Isto é, foi uma ação de gestão e controle daquele espaço para atingir alguma finalidade. No caso em voga, homenagear os paraquedistas militares mortos em atos de serviço, sobretudo em saltos de aeronave militar em voo. Tais referências são características daquilo que Gomes (2002) denominou de *Nomoespço*. A partir dessa iniciativa do comando da unidade, a tropa passou a atribuir forte significado a esse lugar. Não é raro observar militares que prestam continências individuais ao passarem pelo local. Ao longo do tempo, sobretudo a infantaria paraquedista, responsável por sua construção e manutenção – embora existam referências de militares de várias outras unidades paraquedistas e de outras armas, passou a utilizar o Bosque dos Campeões como uma forma de expressão do orgulho de ser paraquedista. Segundo o 1º Tenente QAO Lima, “ao posar para fotografias importantes no Bosque dos Campeões, era como se houvesse uma integração entre os paraquedistas vivos e os mortos, pois não existe ex-paraquedista, mesmo depois da morte”. De certa forma, há um padrão nas justificativas de vários dos militares entrevistados para essa relação com esse lugar tão marcante para a tropa paraquedista. O 2º Tenente Sérgio serviu por mais de 15 anos no 25º BI Pqdt. Desde 2006 na reserva, o Tenente Sérgio passou a integrar a Associação dos Veteranos da Brigada de Infantaria Paraquedista (AVBIP). Ele relatou que os integrantes da AVBIP se reúnem semanalmente às quartas-feiras na sua sede situada nos fundos do aquartelamento do 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (8º GAC Pqdt). Sempre há muita resenha e um churrasco. Mas, logo cedo, por volta das 07:30 da manhã, um grupo de veteranos paraquedistas, devidamente uniformizado, sai em forma da sede da AVBIP para percorrer as unidades da Brigada de Infantaria Paraquedista. Passam por lugares marcantes para a tropa, como a “Ponte da Amizade”, que liga o 26º BI Pqdt à zona de lançamento da BAAF. Obviamente, há uma visita ao Bosque dos Campeões. Lá, a tropa de veteranos toma a posição de sentido e entoia a Oração do Paraquedista. Após esse momento, todos “pagam” 10 flexões e 10 cangurus em homenagem aos campeões ali eternizados. É mais um forte exemplo de que o culto e o respeito aos paraquedistas mortos e representados no Bosque dos Campeões parece considerá-los vivos. São características do chamado *Genoespço*, conforme a perspectiva do já citado Gomes. Ou seja, o Bosque dos Campeões foi construído com uma determinada

finalidade institucional, mas seu significado e as formas de cultuar aquele ambiente transcenderam quaisquer paradigmas formais e se encheram de forte simbolismo. É como se a tropa fizesse de tudo para aproximá-los da vida a partir dos sinais de respeito, da “pagação” ou simplesmente escolhendo o local como cenário para comemorações importantes de vitórias esportivas ou fotos anuais com membros das diversas subunidades da infantaria paraquedista. Segundo o Capitão QAO Arruda, um orgulhoso cavalarião paraquedista, esses sinais de respeito e de integração dos paraquedistas de todos os tempos, vivos ou mortos, são uma demonstração da tropa paraquedista de que os laços de solidariedade e de coesão entre seus integrantes são capazes de transcender o afastamento causado pela morte. Para ele, “a mística paraquedista vive nesses gestos e se fortalece cada vez mais com eles”.



FIGURA 7 – Foto dos Cabos Jonas (à esquerda) e Moura, respectivamente campeão e 3º colocado da competição entre os faixa-verdes, realizada em São Paulo pela BUDO-KAN.

Revista Santos Dumont, número 3, 1965.



FIGURA 8 – Patrulha vencedora de competição entre todas as subunidades do Regimento Santos Dumont.

Revista Santos Dumont, número 3, 1965.



FIGURA 9 – Pose de Tenentes paraquedistas (Gilseno – Comandou a Bda Inf Pqdt na década de 1990 – Rangel, Máximo e Monteiro de Barros) junto ao Bosque dos Campeões por ocasião da busca pela autorização do Comando da Força Terrestre para que utilizassem a boina grená característica da tropa paraquedista no desfile de Sete de Setembro de 1964.

Revista Santos Dumont, número 2, 1964.



FIGURA 10 – Álbum do Estado Maior Geral do Regimento Santos Dumont.

Revista Santos Dumont, número 4, 1966.

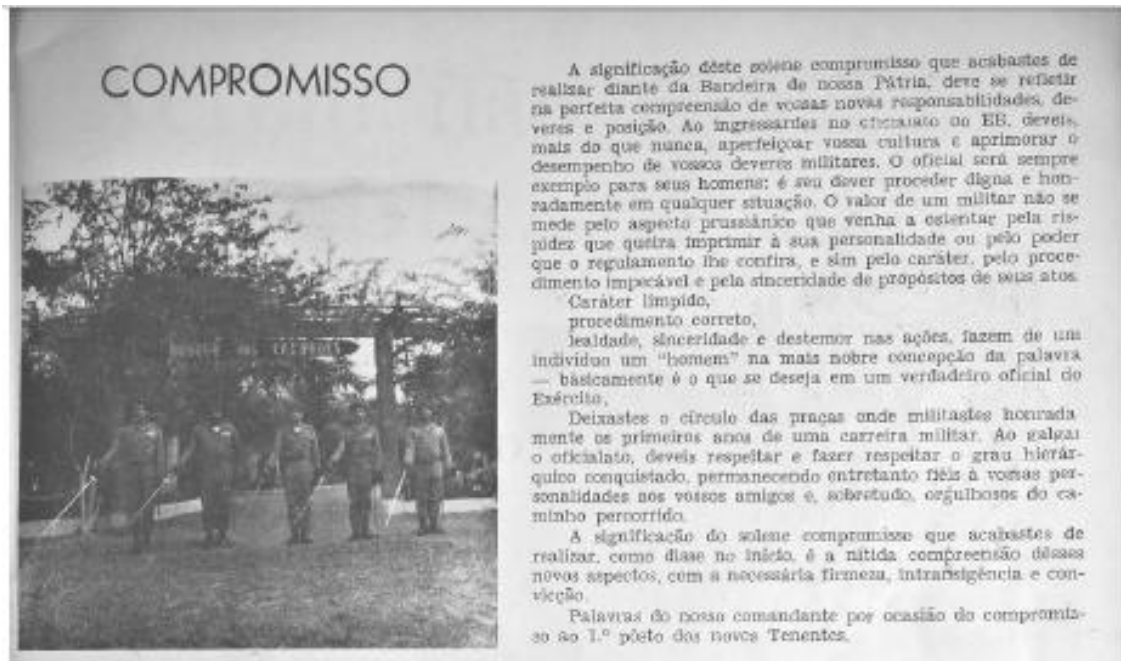


FIGURA 11 – Novos Tenentes prestam seu juramento como Oficiais diante do Bosque dos Campeões.

Revista Santos Dumont, número 5, 1967.



FIGURA 12 – Pose com o Comandante da Brigada de Infantaria Paraquedista (à época), General de Brigada William Georges Felipe Abrahão (no centro da foto, com equipamento), Oficiais de 25º BI Pqdt – dentre eles, o então Comandante do batalhão, Coronel Casali – e familiares de membros eternizados no Bosque dos Campeões por ocasião de mais uma cerimônia alusiva ao Dia dos Heróis, realizada a cada dia 11 de novembro (foto de 2015).

Outro dado marcante relacionado ao Bosque dos Campeões e que demonstra claramente os poderosos laços identitários que conectam os paraquedistas militares brasileiros a esse lugar se refere àqueles que requerem aos seus familiares que seus restos mortais sejam por lá depositados. Foi exatamente o caso ocorrido com as cinzas do pai de meu colega na Especialização em História Militar Brasileira (UNIRIO/CCH), o Capitão Aires, do Exército Brasileiro. Quando anunciei para meus companheiros de turma que pesquisaria a respeito do Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista, Aires me informou que havia depositado as cinzas de seu falecido pai, o paraquedista militar Dobenir Vieira (paraquedista militar nº 25.045), a pedido dele, nesse monumento aos paraquedistas militares mortos em atos de serviço. Durante a entrevista que realizei com o Coronel Casali, ex-Comandante do 25º BI Pqdt e atual Comandante do CI Pqdt GPB, recebi a informação de que o depósito de restos mortais de paraquedistas militares falecidos tem sido cada vez mais comum. Ele disse ainda que isso não ocorre apenas no Bosque dos Campeões, mas também em outros lugares marcantes para a mística paraquedista como a Área de Estágios, a Ponte da Amizade e a entrada do 26º BI Pqdt. É mais um indicador do significado e da forte identificação que os paraquedistas militares de todos os tempos nutrem pelos seus lugares mais marcantes no âmbito dessa Grande Unidade, sendo o Bosque dos Campeões o mais singular dentre todos eles por rememorar os paraquedistas militares mortos em atos de serviço com um sentido nostálgico e respeitoso, não apenas preservando a sua memória, como eternizando a sua presença nos mais variados momentos vividos por essa tropa.

Ao longo de sua carreira no Exército, o 3º Sargento Hugo, do Quadro Especial, serviu em unidades da Brigada de Infantaria Paraquedista e na 2ª Brigada de Infantaria de Selva. Esse militar incorporou na Brigada de Infantaria Paraquedista no final dos anos 70. Servi com Hugo no CI Pqdt GPB por cerca de sete anos. Sabendo de sua longa trajetória no 25º BI Pqdt, pedi a ele relatos e contatos sobre o Bosque dos Campeões e seu significado para a memória e a mística dos paraquedistas militares brasileiros. Hugo me relatou que

“Incorporei no 25º BI Pqdt em 1979, na Companhia de Apoio. O Comandante do Batalhão era o Tenente-Coronel Paulo César Paquet de Andrade. Eu me lembro de algumas cerimônias em homenagem a paraquedistas mortos nos 10 anos em que servi no batalhão antes de me transferir para a selva (Amazônia). Era bem triste e todos os anos havia cerimônias ecumênicas no Bosque dos Campeões para exaltar o heroísmo dos paraquedistas mortos. O batalhão parava para se preparar para essa cerimônia e havia representações de todas as OM (Organizações Militares) da Brigada e muitos ‘paisanos’, familiares e amigos dos companheiros falecidos, eram sempre convidados. Uma coroa de flores era depositada junto à imagem do nosso padroeiro, São Miguel Arcanjo. Era muito emocionante. A gente se sentia como se todos que estavam ali

(representados) fossem da nossa família, pois qualquer um de nós poderia estar no lugar deles.”

O relato do Sargento Hugo permite entender um pouco do que sentiam os paraquedistas militares vivos em relação aos mortos quando das homenagens a estes. A proximidade perceptiva dos vivos em relação aos mortos se dava em função de que, independentemente de estarem vivos ou mortos, todos eram paraquedistas. Tem a ver com um dos fortes elementos constitutivos do *Ethos* Paraquedista que é incutido nos corações e mentes de todos aqueles que passam pela Área de Estágios do CI Pqdt GPB por conta da realização do Curso Básico Paraquedista (Oficiais e Sargentos) e do Estágio Básico Paraquedista (Cabos e Soldados): a ideia de que não existe “ex-paraquedista”, pois a condição de paraquedista é eterna, mesmo quando o militar dá baixa, vai para a reserva remunerada e mesmo depois de morto, sobretudo se o falecimento ocorrer durante o cumprimento de alguma missão para a tropa paraquedista.

Na busca por maiores informações sobre o Bosque dos Campeões, conheci muitos paraquedistas militares “da antiga”. Um deles foi Carlos Nascimento, que se recorda bem de um grave acidente ocorrido no Regimento Santos Dumont:

“Sou paraquedista militar de 1966. Naquele ano ocorreu a explosão de uma granada anti-carro durante uma instrução na 2ª Companhia do Regimento Santos Dumont, vitimando vários companheiros. Acho que deva existir algo no Bosque dos Campeões alusivo ao fato, mesmo alguns dos mortos não sendo ainda paraquedistas (eram militares que, apesar de incorporados ao efetivo do regimento, não haviam realizado ainda o Estágio Básico Paraquedista). Sei que ocorreu uma cerimônia, mas minha Companhia (ela integrava a 3ª Companhia do Regimento Santos Dumont naquela época) não participou.”

Com a luxuosa ajuda dos arquivos do Coronel Casali, descobri os nomes dos militares mencionados por Carlos Nascimento. Eram os Soldados Walmir e Silva, Jorge Oliveira Duarte da Mota, José Silva Moreira, José Henrique Casanova Mazzei, Edir Franklin de Brito, Carlos Alberto Sandoval, Roberto Fernandes Vieira, Nelson Pitão Junior e Jorge Mendonça de Carvalho.

Já o paraquedista militar Antonio de Souza Oliveira, da turma de 1964, gentilmente disponibilizou fotos de seu acervo pessoal para que pudessem ser componentes desta pesquisa. Antonio serviu na infantaria paraquedista, no Regimento Santos Dumont.

“Era tudo muito mais difícil naqueles tempos. Hoje em dia, quando vou à Brigada, percebo que os quartéis são mais bem arrumados e sei que coloquei um tijolinho ali naquela construção. Dei minha contribuição pela Brigada e fico satisfeito. Eram outros tempos. Sinto muito orgulho de

tudo que fiz, do que aprendi e das amizades que fiz. Lembro que nossa primeira fotografia após os saltos, depois da Área (de Estágios), foi junto àquela águia audaz e altaneira que fica lá no centro do Bosque dos Campeões. A gente tinha orgulho de ser infante e sentíamos muita admiração por cada um daqueles companheiros que foram saltar na ZL (Zona de Lançamento) de Deus, mesmo sem saber muita coisa a respeito deles. Lembro que durante muitos anos as fotos dos novos paraquedistas do regimento eram batidas lá (no Bosque dos Campeões).”

O exemplo relatado por Antonio Oliveira reforça aquilo que fora apresentado anteriormente neste trabalho, no que tange ao orgulho dos integrantes da infantaria paraquedista de posar para fotos, em momentos importantes, junto ao Bosque dos Campeões. Era uma maneira de, ao mesmo tempo, reverenciar aqueles que ali estavam por caírem durante o cumprimento de sua última missão e, de certa forma, integrar vivos e mortos, todos paraquedistas, em momentos de júbilo.

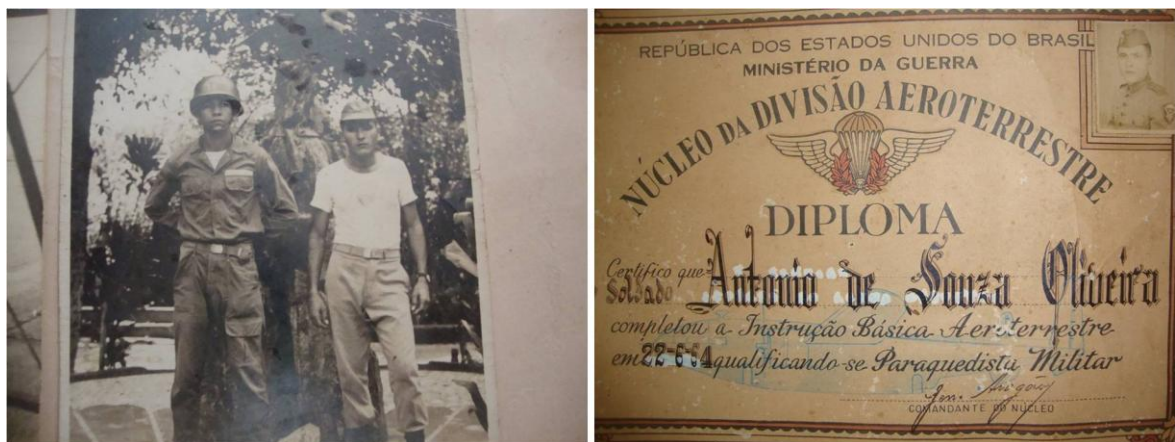


FIGURA 13.1 – O então estagiário Antonio de Souza Oliveira com um Sargento Monitor do Estágio Básico Paraquedista posam diante do Bosque dos Campeões, em 1964 (Arquivo pessoal do paraquedista Antonio de Souza Oliveira).

FIGURA 13.2 – Diploma de conclusão do Estágio Básico Paraquedista (Arquivo pessoal do paraquedista Antonio de Souza Oliveira).

Um dos relatos mais impressionantes e capazes de demonstrar o significado do Bosque dos Campeões para a tropa paraquedista e de como isso reforça a identidade desse grupo social, a chamada “mística paraquedista”, foi a mim transmitido por um veterano aeroterrestre que serviu no 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista na década de 1980. Luís Felipe Morenno disse o seguinte para mim, quando perguntado da mais significativa lembrança que tinha daquele lugar sagrado para todos os paraquedistas militares:

“Tenho algumas passagens por lá. Desde serviços tirados, no então prédio de comando do 25º BI Pqdt, como faxina e ter a infelicidade de estar presente em algumas cerimônias de companheiros mortos durante minha passagem por lá. Todos os dias, quando eu descia a alameda principal, logo pela manhã e quase sempre por volta das 06:00 horas, sentia a brisa

vinda dos fundos da unidade para o Corpo da Guarda. Nela, vinham alguns odores bem distintos. O do arroio (Arroio dos Afonsos, já mencionado no decorrer deste trabalho), do ‘caol’ (café com leite) e das Damas-da-Noite (árvores que têm espalhadas ao redor da área da Pista de Cordas e do nosso ‘Templo de Eternos Heróis que deram seus últimos saltos’ (Bosque dos Campeões). A sensação de passar ali e olhar para área do Bosque dos Campeões, sem um ponto determinado e sentir a vibração que essa rotina me causava, me faziam sentir ainda mais vivo, como se cada um dos que tem seu nome em uma daquelas placas me concedessem seus ‘CHIVUNKS’³⁷. Depois disso, eu poderia estar ‘virado’³⁸ de serviço ou da ‘saca’³⁹, que não fazia diferença. O dia ou as missões podiam vir, não me sentia cansado ou desanimado, era impossível!

É um lugar místico, sem apelo algum, só pelo fato de existir. Outra coisa, parece que existe uma redoma, fazendo que tenha temperatura, umidade e odores diferentes de tudo ao seu redor. Nunca senti medo, pelo contrário, me sentia protegido e mais forte por estar ali.”

O testemunho do veterano paraquedista Morenno – associado aos outros relatos aqui apresentados – demonstra que as percepções e sentimentos dos paraquedistas vivos em relação ao lugar e ao significado dele fortalecem a noção de pertencimento àquela tropa, sendo tal situação de enorme relevância para o desenvolvimento e para o fortalecimento da mística característica dos paraquedistas militares brasileiros. O modo como os integrantes vivos desse grupo social, sobretudo aqueles que integram a infantaria paraquedista, em especial os do 25º BI Pqdt, reverenciam a memória daqueles que faleceram em atos de serviço tão característicos dessa tropa, demonstra de forma eloquente a máxima de que, para a tropa paraquedista, mesmo depois de morto, a chama da mística aeroterrestre permanece acesa.

5. Considerações finais

“Ter sido é uma condição para ser”. (Fernand Braudel, 2002)

Os estudos dedicados à morte na História se encontram em plena expansão na atualidade. O interesse pelo tema, tornado clássico por alguns historiadores franceses nas décadas de 1970 e 1980, parece aumentar a cada momento. Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar os significados da morte para um determinado grupo social a partir das memórias e das percepções relacionadas a um determinado espaço que catalisa essas

³⁷ Termo nativo militar, amplamente utilizado por todos os integrantes da Brigada de Infantaria Paraquedista, que significa “dar algo a mais” ou “tirar forças de onde parece não haver mais”.

³⁸ Termo nativo militar que significa que o indivíduo não dormiu na noite anterior, emendando uma jornada de trabalho, serviço ou missão com a outra a se iniciar no dia seguinte.

³⁹ Termo nativo militar que remete à ideia de que o militar saiu à noite em busca de relacionamentos sem compromisso.

noções. Afinal, muito do que somos é herança de onde viemos, das pessoas com quem nos relacionamos e do que nos aconteceu ao longo da vida.

Há espaços que marcam indelevelmente a trajetória de pessoas e de grupos sociais pelo significado dos acontecimentos que os engendraram e pelas redes de sociabilidades surgidas a partir disso. Tal situação adquire contornos ainda mais consistentes quando ocorrem em grupos humanos muito coesos e com elevados níveis de solidariedade. Mais amplificados ainda quando o elemento detonador é a morte, sobretudo se for de alguém muito próximo, quer seja pelas atividades desempenhadas ou por ser simplesmente uma pessoa das nossas relações sociais numa escala de proximidade que nos faça sentir o peso de uma eventual perda. A memória coletiva mantém a sua duração pelo fato de ter como suporte um vasto conjunto de memórias individuais. Ao longo dessa extenuante e prazerosa pesquisa, notei exatamente isso. Há muitos relatos sobre o Bosque dos Campeões da Brigada de Infantaria Paraquedista. Entrevistei paraquedistas militares de diferentes épocas, Postos e Graduações. O que havia de comum nas suas percepções sobre aquele lugar era relacionado à sua condição “mística” e o respeito que cada um sente por aqueles que morreram cumprindo com seu dever. Mas cada um tinha uma visão particular e histórias a respeito desse espaço tão singular. Como afirma Halbwachs (1990), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, sendo que esse ponto de vista muda conforme o lugar ocupado pelos indivíduos e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que tais indivíduos mantêm com outros lugares.” No caso específico aqui estudado, a Brigada de Infantaria Paraquedista possui dois lugares muito marcantes e, por isso mesmo, altamente simbólicos e significativos para a tropa: a Área de Estágios, por onde todos os paraquedistas militares brasileiros obrigatoriamente têm de passar durante a sua formação básica, e o Bosque dos Campeões, para onde, obviamente, ninguém quer ir, mas que agrega em si uma forte noção de pertencimento para os paraquedistas militares porque materializa o discurso bastante difundido no cotidiano da tropa aeroterrestre de que “todo paraquedista (militar) é eterno”. É o senso de que “não existe ex-paraquedista, pois, uma vez formado na Área de Estágios, nada mais, nem a morte, tira essa condição do combatente aeroterrestre” (Subtenente Júlio). É possível captar esse sentimento no relato oferecido pelo paraquedista militar Hilmar do Nascimento. Formado em 1986, tendo incorporado e servido na 3ª Companhia de Fuzileiros Paraquedistas do 25º BI Pqdt, ele perguntava aos recrutas que formou durante os cinco anos em que serviu no batalhão, que é o “berço da Infantaria Paraquedista”, se eles ‘queriam ser um campeão’. Ante um misto de negativas e silêncios por parte dos constrangidos recrutas, Hilmar afirma que dizia: “nenhum de nós deseja a morte, mas sabemos que se, algum dia, ela

vier durante o cumprimento de alguma missão, jamais seremos esquecidos ou abandonados por nossos irmãos”.

Os grupos sociais têm a necessidade de ritualizar determinados aspectos relacionados aos elementos que os constituem. Nesse sentido, a memória é um elemento-chave para garantir longevidade e coesão a tais grupos. Os processos de (re)produção da memória coletiva dos grupos sociais e as tradições que porventura inventam para dar conta dessa demanda requerem um espaço que atue com uma espécie de âncora, a fim de materializar os valores e ideais que se pretendem preservar, com vistas a permitir que cada integrante desses grupos acesse a um processo de identificação, condição imprescindível para que a memória coletiva seja cultuada e, a partir desse culto, sua preservação e transmissão sejam garantidas. É um processo em constante retroalimentação, pois cada uma dessas etapas constitutivas é de fundamental importância para garantir as outras, fortalecendo-as sistemicamente. Como observa Lowenthal (1975), o passado é necessário para enfrentar as paisagens do presente. Nesse sentido, a memória não é um conjunto de fatos, mas um processo, cuja compreensão ocorre pelo movimento e pela ação. As lembranças são imóveis e tanto mais consistentes quanto mais bem espacializadas forem. Segundo Nora (1993), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Como vimos ao longo deste trabalho, o Bosque dos Campeões foi construído logo após a infantaria paraquedista conseguir um espaço para chamar de seu. Com o crescimento do então Núcleo da Divisão Aeroterrestre (NuDAet), embrião da atual Brigada de Infantaria Paraquedista, sem que houvesse espaço físico para abrigar adequadamente a tropa, o então Regimento de Infantaria Aeroterrestre e o Comando do NuDAet foram transferidos e ocuparam durante cerca de cinco anos (de 1952 a 1957) as instalações do tradicional Regimento Avaí, o “Dois de Ouro”. Tão logo, em 1957, a infantaria paraquedista passou a ocupar a sua área definitiva, junto ao Arroio dos Afonsos, houve a intenção de construir um memorial para reverenciar os paraquedistas militares falecidos em missões da tropa. Tal intenção se materializou em maio de 1958, durante o comando do Coronel Santa Rosa que, alguns anos depois, comandou o próprio NuDAet no posto de Coronel e depois já na condição de Oficial-General. A construção do Bosque dos Campeões foi uma ação institucionalmente motivada com vistas a homenagear os paraquedistas mortos em missões da tropa, caracterizando o surgimento de um *Nomoespaço*. Ao longo dos anos, espontaneamente, diversos paraquedistas militares, sobretudo aqueles que serviam no então Regimento Santos Dumont, atualmente dividido nos três batalhões de infantaria paraquedista

da “velha brigada”, passaram a cultuar esse espaço e a reverenciar aqueles que ali têm seus nomes representados. Continências individuais, posições de sentido, orações ou, até mesmo, as tradicionais visitas dos membros da AVBIP tornaram-se parte da rotina ao Bosque dos Campeões sem que fossem determinadas por atos oficiais do comando do batalhão ou por determinação do Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista. Tais demonstrações de respeito, reconhecimento e essa busca por proximidade dos vivos em relação aos mortos ali representados e homenageados são manifestações eivadas de espontaneidade de integrantes desse grande grupo social, a tropa paraquedista, configurando o que se chama de *Genoespaço*. Nesse sentido, o Bosque dos Campeões, enquanto *Nomoespaço*, foi pensado e instituído nos termos do que propôs Pierre Nora no que tange aos lugares de memória. No entanto, esse *Genoespaço* paraquedista reforçou esse ambiente físico com valores identitários muito fortes construídos coletivamente a partir da memória da tropa, muito alinhado com aquilo que Pollak (1989) definiu à luz dos processos de construção coletiva da memória. O Bosque dos Campeões cumpre sua função de lugar de memória da tropa paraquedista, mas transcende esse aspecto, pois é o portador de uma aura simbólica que, em grande medida, foi construída espontaneamente ao longo dos anos por diversos de seus componentes, que são indispensáveis na ritualização de dois significativos elementos da mística paraquedista: a noção da atemporalidade da condição de paraquedista militar e a enorme solidariedade que une os integrantes dessa tropa, mesmo dos vivos em relação aos mortos. Por mais paradoxal que possa parecer à primeira vista, esse monumento fúnebre traz em si a percepção da imortalidade do combatente paraquedista. Isso é fortemente arraigado na tropa, propiciando a contínua renovação de sentimentos que identificam os paraquedistas militares, diferenciando-os dos demais militares das Forças Armadas brasileiras.



FIGURA 14 – Cerimônia do Dia do Herói no Bosque dos Campeões, no 25º BI Pqdt.

Arquivo pessoal do Capitão QAO Gonçalves, 2016.

O senso de equipe, outro importante atributo componente da mística paraquedista, também tratado como companheirismo, é um fator absolutamente imprescindível para que possamos compreender o significado do Bosque dos Campeões para essa tropa e o quanto isso contribuiu para reforçar essa mística. Os paraquedistas militares entendem que sua força de combate advém justamente de sua forte coesão enquanto grupo e que cada membro dessa comunidade deve colaborar com os demais com o mesmo resguardo que devotam às suas próprias vidas. Cabe aqui a máxima popular que diz que uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco. Ao tratarem de espírito de equipe e de colaboração mútua, esses combatentes entendem que não há hierarquia quando o que se objetiva é proteger o companheiro, seja ele superior ou subordinado. Todos são entendidos como combatentes cujas vidas não estão simplesmente atreladas aos postos/graduações que ocupam. Essa visão de mundo também é posta em prática na relação entre os paraquedistas vivos e os mortos homenageados no Bosque dos Campeões. De uma forma bastante peculiar e singular, todos sabem que as lápides existentes naquele lugar são referências a militares paraquedistas mortos em ação. No entanto, sobretudo no dia-a-dia, os comportamentos e posturas dos vivos em relação ao ambiente trazem consigo a impressão de que os mortos ali representados são constantemente convidados a participar da rotina da tropa.



FIGURA 15 – Editorial do Comandante do Regimento Santos Dumont (Coronel José Aragão Cavalcanti) para a edição de 1965 da Revista Santos Dumont. Na foto, em destaque, o Bosque dos Campeões com a seguinte legenda:

“Seu paraquedas abriu, sim, lá no céu para onde ele foi porque ele era um anjo, suas asas eram feitas do nylon que lhe serviu de mortalha... Sua auréola era aquela coragem, que nem eu sabia ser tão grande...”

A questão de fazer do culto aos paraquedistas mortos em ação uma tradição da Brigada de Infantaria Paraquedista é parte altamente relevante da mística paraquedista. Os integrantes da tropa entendem que integram uma tropa tradicional que é história ao mesmo tempo em que faz história. O sentido que constroem para tradição diz respeito à continuidade, vivência e propagação dos valores e ideais da tropa paraquedista ao longo de diferentes gerações. Como analista, penso não ser possível associar, nesse grupo social, tradição à imobilidade, apesar de tratarem a tradição como algo que deverá ser passado de geração para geração de paraquedistas. Isso seria estereotipar por demais essa tropa que constrói sua identidade de forma intensa, afirmando que vivem e experimentam a fugacidade e a fragilidade da vida, haja vista que atua na iminência da morte, a cada salto, a cada missão, como comprovam os exemplos de seus companheiros homenageados no Bosque dos Campeões.



FIGURA 16 – Bosque dos Campeões durante a cerimônia do Dia dos Heróis de 2012. No detalhe, São Miguel Arcanjo, Padroeiro dos paraquedistas militares brasileiros, resgata um combatente aeroterrestre caído, a fim de levá-lo para a ZL da Eternidade.

Arquivo pessoal do Capitão QAO Gonçalves.

Como se pode ver, ser um paraquedista vai muito além de ostentar na farda as asas de prata do brevê, ou de calçar o *boot* marrom e usar a boina bordô, símbolos máximos do orgulho de ser paraquedista. Ser um paraquedista implica agir como tal, usando, segundo Lamont (2000), “os recursos culturais a que se tem acesso”, e isso demanda esforço, o que

Snow (2001) chama de agência coletiva. A agência coletiva evidencia, por conseguinte, ação e trabalho identitário em busca de interesses comuns, mas também em busca de continuarem, todos os membros do grupo, sendo aceitos como iguais, dignos de acolhimento pelos demais membros, mesmo depois de mortos, sobretudo se o falecimento ocorreu durante o cumprimento de alguma missão atinente à tropa aeroterrestre. É exatamente essa a relação mantida dos paraquedistas militares vivos em relação aos mortos eternizados no Bosque dos Campeões, sendo esse um fator muito importante para reforçar e transmitir os valores característicos da mística paraquedista. Esses sentimentos de orgulho dos paraquedistas militares vivos – ao ostentarem os símbolos máximos da tropa – e de profunda admiração e respeito pelos companheiros falecidos em atos de serviço foram transformados em poesia pelo Capitão Edson Xavier de Almeida, que se formou na Área de Estágios em 1951, sendo o Paraquedista Militar nº 509 e Mestre de Salto nº 513:

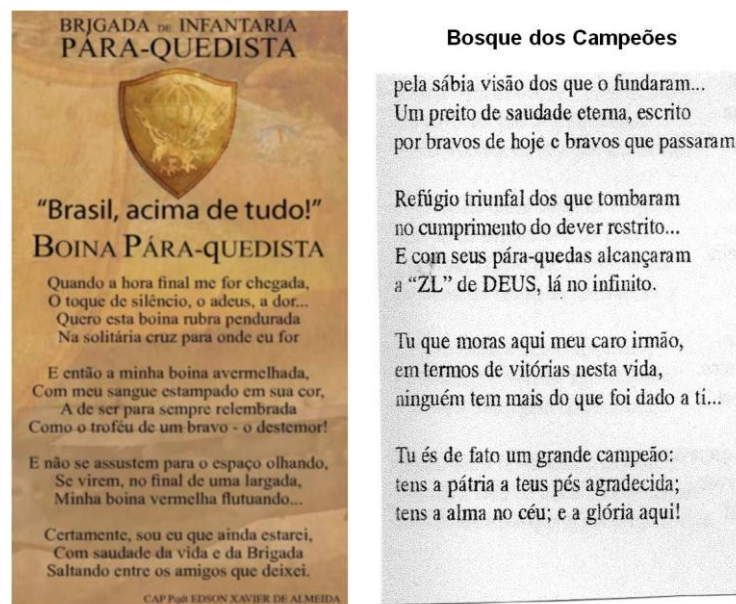


FIGURA 17 – Poemas “Boina Paraquedista e Bosque dos Campeões, de autoria do Capitão Pqdt Edson Xavier de Almeida.

Fonte: <http://pt.calameo.com/read/002113299470aa54737b3> (acessado em: 12/05/2017).

O Bosque dos Campeões enfatiza a identidade de cada militar paraquedista morto em ato de serviço, gerando um forte laço de solidariedade dos vivos rememorando os mortos. Embora localizado e de pequena escala, o fenômeno não deixa de ser importante, ainda mais em se tratando de uma sociedade presentista que vive num país reputado como sendo “sem memória”. De um lado esse reconhecimento ao papel histórico desempenhado pelos mortos e as manifestações de apreço, respeito e solidariedade partem de seus companheiros de todos os

tempos. Afinal, reza a mística paraquedista que ninguém fica para trás. E isso se comprova mesmo após a morte, conforme demonstrado no decorrer do presente trabalho.

Mais difícil que iniciar uma pesquisa, creio que seja interrompê-la, pois terminá-la é impossível. Faço um ‘alto’ neste ponto, já que ouço uma voz:

“Alto lá, meu livrinho!

Devagar!

Calma agora!

Chegamos ao fim da jornada, e você ainda quer galopar adiante, sem controle, transpor a página derradeira, como se o seu serviço já não estivesse feito”. (Marcial, Século I D.C.)

Até aqui, eu falei. Lanço minha voz na corrente ininterrupta de significados que compõem nossa complexa sociedade. Meu leitor, o texto é todo seu. Como disse Nietzsche: “O autor tem direito ao prefácio, mas ao leitor pertence o pós-fácio”.

BRASIL, ACIMA DE TUDO!

6. Bibliografia

- AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. Stigma reconsidered. In: Ainlay, S. C.; Becker, G.; Colman, L. M. A. (Ed), *The Dilemma of Difference* (1-13). New York: Plenum, 1986.
- AMBROSE, S.E. *Band of Brothers: Companhia de Heróis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- ARIÈS, Phillippe. *Sobre a História da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa, Teorema, 1975.
- _____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BALDWIN, Hanson W. **Creta – a invasão alada**. *Batalhas ganhas e batalhas perdidas*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1978.
- BARROS, J. A. *História, Região e Espacialidade*. **Revista de História Regional**, v. 10, n.1, p.95 – 129, 2005.
- BRUNO, Daniela Caldeira. *BRASIL, ACIMA DE TUDO! Narrativa e construção de identidades: o combatente paraquedista do Exército Brasileiro*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010.

- BULLA, Leonia Capaverde; SOARES, Erika Scheeren; e KIST, Rosane Bernardete Brochier. *Cidadania, pertencimento e participação – Grupo Trocando Ideias e Matinê das Duas: Cine Comentado*. Ser Social, Brasília, Nº 21, P. 169-196, Jul./Dez. 2007.
- CAPDEVILA, Luc & VOLDMAN, Danièle. *War dead: western societies and the casualties of war*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2006.
- CARVALHO, Fabiano Lima de. **O Emprego das Forças Armadas Brasileiras no Combate ao Crime Organizado do Rio de Janeiro (2010): um Câmbio na Política de Segurança Pública Brasileira**. *Military Review*, Janeiro-Fevereiro 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. vol. 1. *A sociedade em Rede*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Celso. *O Espírito Militar: um Antropólogo na caserna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. *A Invenção do Exército Brasileiro*. Coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; e CORRÊA, R. L. **Olhares Geográficos: Modos de Ver e Viver o Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CAVILHA, Juliana. **Das entrevistas aos rituais: dialogando com os militares**. In: *Antropologia dos Militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. CASTRO, Celso & LEIRNER, Piero (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*, São Paulo: UNESP, 2001, p.18.
- CRANG, M. **Time: Space** In: CLOKE, P.; JOHNSTON, R. *Spaces of Geographical Thought: Deconstructing Human Geography Binaries*. Org. Londres, Sage Publications, 2005.
- DA MATTA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo ou como ter um Anthropological Blues**. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- DE CASTRO, V.M.C. *O Espaço Funerário como Lugar de Memória*. Departamento de Arqueologia: UFPE, 2010.
- DA VIÁ, Sarah Chucid. *Opinião Pública: técnicas de formação e problemas de controle*. São Paulo: Loyola, 1983.
- DE SOUZA, Alexandre Colli. **Etnografando militares: obstáculos, limites e desvios como parte constitutiva de visões nativas**. In: *Antropologia dos Militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. CASTRO, Celso & LEIRNER, Piero (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2009.

- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008. Título original: Les formes élémentaires de La vie religieuse [1960].
- ELIAS, N. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FISH, Stanley Eugene: “**Interpreting the variorum**”: **advance or retreat?** In: *Critical Inquiry*, Vol 3, No 1 (autumn, 1976), pp. 183-190.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GLESNE, C. Becoming qualitative researchers. An introduction, Longman, 1999.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- GOMES, Paulo César da Costa. A Condição Urbana: Ensaio de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.
- GUBA, E.G.; LINCOLN, Y.S. (1994). **Competing paradigms in qualitative research**. In: Dezin, N. K. & Lincoln (eds). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. Paris: PUF, 1968.
- HOBSBAWN & Eric. RANGER, Terence (orgs.). A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2015 (10ª edição).
- HOCKLEY, Anthony Farrar. *Paraquedistas Alemães: a super-tropa*. História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Renes, 1973.
- KOSELLECK, R. Os monumentos aos mortos, lugares de fundação da identidade dos sobreviventes. IN: Na Experiência da História. Seuil-Gallimard, 1997.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992, p.535-553.
- LEIRNER, Piero de Camargo. *Meia-volta, volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*. Rio de Janeiro, FGV, 1997.
- LINK, B. G. & PHELAN, J. C. *Conceptualizing stigma*. *Annual Review of Sociology*, New York, 2001, 363-385.
- LOUREIRO, Antônio Lobo. *Biografia do Gen Pqdt Roberto de Pessôa: a vida narrada do primeiro paraquedista do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Teatral, 2003.
- LOWENTHAL, D. *Past Time, Present Place – Landscape and Memory*. *The Geographical Review*, v. 65, n. 1, p. 1 - 36, 1975.

- MAGNANI, José Guilherme. (2002), *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 17, nº 49, São Paulo.
- MARTINS, José de Souza. (org.) A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo, HUCITEC, 1983.
- MÁXIMO, F & FAGUNDES, L. Almanaque Pqdt: 70 anos de paraquedismo militar no Brasil. Rio de Janeiro, AVBIP: 2016.
- MELO, Z. M. **Estigma: espaço para exclusão social**. Revista Symposium, número quatro (especial), 18-22, 2000.
- MIRANDA, Rita Alves. *Estudos Sobre Bertold Brecht*. Existência e Arte – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VII – Número VI – Janeiro a Dezembro de 2011.
- MORIN, E. O homem e a morte, Lisboa: Europa-América, 1975, p.25.
- MOSSE, George L. Fallen soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars. New York: Oxford University Press, 1990.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: *Os Lugares de Memória*. I La Republique, Paris, Gallimard, 1984.
- OLIVEIRA, L. C. E. S. *O Significado da mística paraquedista*. Monografia de conclusão de Especialização em Sociologia Urbana, IFCH/UERJ, 2015.
- OSTRONOFF, Leonardo José. *Etnografia na Sociologia: desvendando os sindicatos*. GT 11: Trabalho de campo e as interfaces entre Ciências Sociais e outros saberes. XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS 04 A 07 de setembro de 2002, UFPI, Teresina-PI.
- PIETREFESA DE GODÓI, E. O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, UNICAMP:1999.
- PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, mitos e devoções no Brasil (1944-1967)*. Tese de Doutorado em História/UFPR. Curitiba, 2014.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: 1989. Vol. 2, n. 3.
- PORTELLI, A. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história In: *História da historiografia*, Ouro Preto: Edufop, número 02, março 2009, p.167.

- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. EdUSP, São Paulo: 1996.
- SCHIRMER, Pedro. *Das virtudes militares*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1987.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data. Methods for analysing talk, text and interaction*. London: SAGE, 2001.
- SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903). In: *Mana*, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005, p. 577-591.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro, Zahar: 1993.
- STORANI, Paulo. *Vitória sobre a morte: a glória prometida. O Rito de Passagem na construção da identidade dos Operações Especiais do BOPE/PMERJ*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: PPGA/UFF, 2008.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.
- TUAN, Yi-Fu. *Place: an experiential perspective*. *The Geographical Review*, 65 (2), pp. 151-165 (1975).
- TUAN, Yi-Fu. **Space and place: humanistic perspective**. In: GALE, S. OLSSON, G. (Orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht: Reidel, 1979, pp. 387-427.
- TURNER, Victor. *A selva dos símbolos*. Madri: Siglo Veinteuno, 1980.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WAGNER, H. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Editora da Universidade de Brasília, Brasília: 1999.
- WINTER, Jay. *Sites of memory, sites of mourning: the great war in European Cultural History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p.310
- _____. Apresentação In: CAPDEVILA, Luc & VOLDMAN, Danièle. *War Dead: western societies and the casualties of war*. Edimburgh, Edimburgh University Press, 2006. p.vii.

WINTER, J & SIVAN, E. War and Remembrance in the twentieth century. Cambridge University Press, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

6.1. Fontes eletrônicas

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>.

Acesso em: 12 abr. 2017.

MEMÓRIA HISTÓRICA DO CI Pqdt GPB. Disponível em:

<<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/download/MEMORIA%20HISTORICA.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

REVISTA CAMALÉO. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/002113299470aa54737b3>>. Acesso em 12/05/2017.

SECRETARIA-GERAL DO EXÉRCITO. Disponível em:

<<http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/oracoes/267-oracao-do-paraquedista>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SILVA, Helenice Rodrigues. "**Rememoração**"/**comemoração**: as utilizações sociais da memória". Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008>

Acessado em: 22/02/2017.

VENSON, A.M. & PEDRO, J.M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. IN: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=261>>.

Acesso em: 30 abr. 2017).